

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Não regatearemos os nossos parabens ao sr. Rodrigues Alves pela realisação da parte industrial do seu programma de governo. S. ex. assignalou a terminação do terceiro anno do seu governo com a inauguração da Avenida Central, que, enfeitada de galhardetes, de grinaldas virentes, de flôres, parecia um trecho da cidade restaurada com todos os preceitos da arte, uma cidade moderna surgindo do amalgama de ruas estreitas, escuras, tortuosas, de casaria bisonha, quadrada, de uma monotonia entristecedora, sob o pranto da chuva incessante e lamentosa, a empaunar o brilho de uma festa singularmente nacional.

S. ex. passou por entre alas do povo, agglomerado para testemunhar o faustoso acontecimento, saudado pela continencia das forças federaes, encharcadas d'agua; s. ex. não hesitou em sacrificar os multiplos reflexos da sua cartola, da sua sobrecasaca das grandes solemnidades ao borrifo das gottas de chuva, que lhe lubrificavam o rosto prasenteiro, expandido, dilatado num sorriso de intima alegria, como um pranto suavissimo, o pranto dos deliciosos momentos das commoções fortes, das venturas incomparaveis.

Bem se via que o presidente da Republica estava satisfeito no seio do povo, despreocupado do pungente acicate das idéas subversivas, das instigações deleterias das paixões, do murmúrio das queixas, como si uma ampla tregua generosa lhe inspirasse aquella attitude de veneração agradecida ao governo cuja iniciativa patriótica o dotára com um melhoramento condigno da nossa cultura e da nossa civilisação. O povo sentiu que estavam alli, naquella enorme arteria, ladeada de construcções monumentaes, recompensados os sacrificios exigidos da sua actividade, do seu patrimonio

para a rapida e brilhante execução da restauração da capital da Republica.

Poder-se-á dizer que foi caro, mas não se póde contestar que é bôa, é de primeira ordem essa obra tão malsinada e de cuja realisação muita gente duvidava. De resto, não se poderia regatear um conto mais, um conto menos, quando se tratava de executar a lei de desapropriação, de rigor quasi draconiano, para vencer os obstaculos da rotina, organizados em formidaveis baluartes de opposição systematica, para derrocar os predios velhos, os pardieiros insalubres, depositos de mazellas seculares, todas essas *cabeças de porco*, consagradas de pedra e cal pelo direito de propriedade, sem duvida muito respeitavel, mesmo quando serve de egide á porcaria, aos depositos de germens assassinos e ao ferrenho espirito de opposição a todos as legitimas tentativas dos empreendimentos de progresso. Era indispensavel arrolhar com as condescendencias macias, com as tolerancias amenisadoras os milhares de boccas que se escancarariam num berreiro atroador, capaz de produzir effeitos demolidores das muralhas de Jerichó, de destruir todos os planos de melhoramentos materiaes, clamando pelo direito, pelo sacrosanto direito de propriedade lezado pela utilidade publica. Era preciso não sómente abafar aquelles gritos subversivos, mas, ao mesmo tempo, encabrestar a justiça, subordinando-a a rigorosas fórmulas de processo incompativeis com as chicanas, ás leis insophismaveis na sua synthese cutilante. Nunca os fins justificaram tão plenamente os meios.

Opiniões respeitaveis divergirão desses conceitos. O deputado Francisco de Sá, bellicoso da undecima hora, não partilhará do nosso entusiasmo; estará a esta hora mareando o brilho dos seus oculos scintillantes com as lamentações patrióticas pelo rôr de contos gastos numa obra ornamental, os enormes cabedaes que o

seu ex-amigo Lauro Muller atirou, desastradamente, pela janella, para construir o porto e a grande Avenida, prodiga dotação ao Rio de Janeiro, como si o Brazil começasse no convento da Ajuda e terminasse no cães da Prainha, um Brazil sem Accioly, sem essa portentosa, essa archli-divertida criação teratologica da politica dos governadores, essa fecundissima dynastia atirada para além da esquiua formada pelo cabo de S. Roque.

O sr. Sá, na obsecação do seu teiró irreductivel contra o ministro da Industria, não partilha dos louvores resoantes no dia 15 de novembro, numa formidavel harmonia com as notas graves dos canhões, relembando a incruenta victoria da democracia: está no seu direito, porque o gemido é um direito da magua.

Vem a proposito recordar que o sr. Campos Salles apanhou paucada de desancar, quando a sua politica financeira reduziu a pasta da Agricultura, Industria e Viação á inercia, a uma chancellaria exclusivamente occupada no carunchoso expediente, quando se encravou inexoravelmente, loucamente, a roda dos melhoramentos materiaes, pagando a felizes contractantes, para não fazerem estradas de ferro, o dobro do que se gastaria para fazel-as, consumindo-se em indemnisações, em rescisões de absurdos contractos caducos, cabedaes que seriam vantajosamente utilizados como propulsores fecundos das nossas inestimaveis fontes de producção, da iniciativa industrial. Era preciso que os nossos credores vissem que nos reduzimos a pão e laranja, que haviamos asphyxiado todas as emprezas, abandonado todos os melhoramentos, para nos dedicarmos, exclusivamente, ao trabalho de extorquir dinheiro para satisfazer os compromissos do *funding-loan*, cardando o carneiro-povo até á pelle, inventando impostos, ampliando contribuições com a mesma phantasia inventiva de piedosos inquisidores in-

ventando instrumentos de supplicio para satisfação de requintes de crueldade. O sr. Campos Salles justificou todos esses sacrificios com o empenho de salvar a honra nacional, pagando um emprestimo, como si, durante a nossa vida de nação sem capitaes, sem economias, nós nos achassemos pela primeira vez em semelhantes assados, na contingencia de exigir sacrificios do povo para salvar compromissos exteriores. Nunca fizemos outra coisa: contraír emprestimos e pagal-os, pontualmente, tem sido a obra dos nossos financeiros.

Apertámos a barriga deante dos nossos credores, ao passo que o governo aferrado a uma supposta politica de economias, abria, como um prodigo, largas valvulas por onde se escoaram capitaes, cuja somma exacta ficará sempre no dominio das coisas vedadas aos profanos.

E, pensando bem nos factos de hontem, analyzando, agóra, friamente, essa politica, cujo alvo era o irrisorio *republicanizar a Republica*, concluimos que todo aquelle dinheiro consumido em indemnisações, em acquisições de terrenos, de pardieiros carissimos, todo o fructo das ladroeiras de um allemão Petersen, não comptando o que se dispendeu para encravar o desenvolvimento da nossa rede de estradas de ferro, teriam applicação mais fecunda a obras de utilidade evidente ou a obras de ornamentação, beneficios permanentes, lagradoiros para a geração actual e para as futuras, sobre as quaes sacamos.

Durante esse esteril hiato da actividade industrial, toda a gente lamentava as dolorosas contingencias de poupança que reduziram a miséria, a ociosidade deprimente, os nossos engenheiros. Os rapazes laureados na Escola Polytechnica, quando o ensino não se havia desmoralizado em multiplas escolas—aquelles que sabiam o seu officio tinham deante de si um futuro tapado, a sua profissão dominada por mestres de obras, inimigos de doutores.

Não se póde contestar ao sr. Lauro Muller, apezar do sr. Francisco de Sá, o merecimento de ter, com a sua divisa — fazer engenharia nacional — estimulado a actividade de homens competentes, de especialistas de primeira agua, cujo talento está affirmado nos

bellos, nos sumptuosos attestados dos monumentos da Avenida e nas obras do porto, thezouros perduraveis, de incontestavel utilidade publica, que não se escoaram clandestinamente para o bolso dos felizardos de ambos os sexos, engordados nas liberalidades exoticas da republicanisação da Republica.

E' bem verdade que entre a pleiade de engenheiros distinctos, figuram ainda, como restos de um carrancismo ineluctavel, medalhões de valor puramente numismatico; mas esses senões não excluem o merecimento da fecunda actividade do ministro da Industria: nós não nos libertámos ainda do preconceito de attribuir competencia á velhice, que não tem no seu activo documentos de capacidade. Uns cabellos brancos, tenham embóra as raizes num cerebro cansado, caduco, tem certo valor ornamental de immenso effeito suggestivo no fetichismo popular, a preciosa experiencia da velhice que nunca experimentou coisa alguma.

Em todo o caso, está construida a Avenida, a magnifica arteria onde a população carióca, desde o dia 15, circula plena de ar, plena de luz.

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Si os duzentos annos de independencia dos suévos não fôram de perpetua lucta, tambem não o fôram os trezentos dos visigodos antes da invasão arabe.

Os visigodos tinham entrado em Hespanha como aliados de Roma. Passados os embates em que fôram destroçados os alanos e silingos, e não os vandalos, como erroneamente escreveu Bomfim, em 416, o dominio godo se dilaton mansamente por toda a Hespanha, com excepção da Galliza, onde, por cerca de dois seculos, se mantiveram prosperamente os suévos, como já foi dito á saciedade.

Os acontecimentos entraram em curso normal depois do exterminio dos citados alanos e silingos (416) e da emigração dos vandalos (429) e o estabelecimento definitivo dos godos se verificou em tempo de Enrico (476) *de um só golpe, de um modo, por assim dizer, ensin* grande historiador, organico, sem outras luctas além da sustentada, algum tempo, com a nobreza tar-

raconense. Os godos eram os mais moderados de todas as gentes germanicas — as mais *romanisadas* por sua permanencia de duzentos annos na Dacia antes do periodo das invasões no V seculo. Eram chamados os *athenienses dos barbaros*; não eram, pois, essa cabilda feróz que anda a tripudiar na cabeça do sr. Bomfim.

Cansadas da debilidade e da oppressão do imperio, as gentes hispanicas, já a elles devedoras da libertação das liordas barbaras anteriores, acharam-se bem dispostas a receber o dominio de um povo que consideravam o mais culto e o mais estimavel dos germanos.

Na península, possuíam os godos, desde o tempo de Theodorico II, a Lusitania e, desde Athaulfo, parte da Tarraconense. Conquistaram, *quasi sem lucta*, o resto desta provincia, occuparam, *sem combater*, a Betica e a Carthaginense, e, *sem grande violencia*, se acharam donos de Hespanha, exceptuada, por algum tempo, a Galliza. As *thiulfadas* godas substituíram-se ás *legiões*, os duques aos presidentes ou reitores das provincias, o rei ao Cesar ou imperador; deram-se terras aos godos, sem que *esse despojo occasionasse grande transtorno* comparado ao atropello das invasões anteriores. E, dest'arte, ficou constituida a nova sociedade sobre a base dum Estado novo após o periodo de perturbação do primeiro estabelecimento.

Seguiu-se largo periodo de paz, perturbado, mais tarde, após a extincção da dynastia dos Balthas, que forneceu os primeiros e mais esforçados monarchas visigothicos, pela nobreza, que, contra as tradições germanicas, tinha sido quasi totalmente arredada do poder na organização *romanisada* que os legisladores, nesse periodo organico da sociedade e do Estado, haviam dado ás instituições nacionaes.

Foi esse o grande erro e a causa principal da ruina do Estado godo e não o espirito de lucta e de depredação que lhe empresta o sr. Bomfim.

Eis ali o resumo da historia dos compatriotas de Enrico em Hespanha, e quão longe está tudo isso das orgias cannibalescas sonhadas pelo auctor brasileiro!

Ha, sobre todos, um facto que, indicando a profundissima assimilação dada entre os godos e os hispano-romanos, põe em inteira evidencia o deploravel estado das idéas do nosso compatriota nesses assumptos. E' o estado do direito no imperio visigothico.

Si Bomfim conhecesse quatro linhas de historia do direito, não escreveria tanta barbaridade ácerca da Hespanha no periodo alludido.

Bastava que tivesse passado a vista no *Espirito das Leis*, de Montesquieu, ou na *Historia das Origens do Governo*

*Representativo*, de Guizot, para vir a saber que, redigidas as leis visigodas para os subditos de origem germanica desde o tempo de Eurico, ao que se suppõe, e logo após o *Breviarium Anianí* para os subditos de origem hispano-romana, em dias de Alarico, pouco depois foi indispensavel promulgar um codigo que servisse indistinctamente a toda a população, sem distincções de origens, tanto se haviam ellas apagado sob a tolerancia dos novos dominadores!

Este resultado assombroso é caso unico em toda a Europa. O *Codex Visigothorum*, ou *Forum Judicum* é; sob este aspecto e a essa luz, o mais notavel documento legislativo da epocha medieval. Parece evidente que essa obra de paz não poderia ser a floração de tres seculos de luctas perpetuas. Sr. Bomfim, é tempo de fallar dos arabes.

Para o nosso escriptor, o arabe era o *typo mais completo da civilização depredadora*...

Veio trazer lenha á fogueira e fez lastrar um incendio que durou oito seculos ininterruptos. Não havia tempo nem de comer e dormir; eram armas em punho e mortes para deante... Um inferno!

Mas toda a decantada sciencia psychologica do sr. Bomfim não chega para lhe mostrar ser isso um tremendo absurdo, um impossivel a olhos vistos?

Póde-se lá admittir que o arabe, intelligente, negociador, maneiroso, tolerante, levasse oito seculos a degolar gente?

Póde-se lá admittir que a população peninsular, a população que se chamava romano-goda, mas que era pela mór parte constituida dos indestructiveis rebentos iberos, parentes dos berberes, parentes dos arabes, recebessem a estes como bestas feras? Póde-se lá admittir, sr. Bomfim! Ora, deixe-se disso; largue o Oliveira Martins, que não passa de um Th. Braga elegante, mas cheio dos mesmos erros e disparates; largue o Martins e abra o Herculano, o equal de Guizot e de Thierry, ou, melhor, o superior a ambos, porque tinha mais estylo do que um e mais philosophia do que outro.

Si já o tivéra lido, veria com outra côr essa phase memoravel da conquista e do dominio arabe. Veria serem quatro as idéas mais originaes do grande historiador, pelas quaes se bateu mais resolutamente contra varios contradictores: a *brandura* da conquista arabe; o valor politico e social da enorme classe dos *mosarabes* que veio a facilitar a reconquista christã; a transformação desde o seculo VIII dos servos godos em *adscriptos*; a inexistencia do feudalismo em Portugal.

Destas quatro idéas, as duas primeiras, expostas com a maxima erudição, brillantismo e vigor de argumentar possiveis em assumptos historicos, no 3º vol. de seu incomparavel livro, quando estuda a formação da *sociedade* na península, são as mais consideraveis e a mais formal condemnação dos absurdos da *America Latina*.

Envio os meus leitores para toda a *Historia de Portugal*, nomeadamente o volume indicado.

Penoso é resumir e condensar aqui aquella formidavel móle de factos.

Para bater Bomfim ácerca d'arabes, não é mistér ir além do ensaio de Herculano — *Do estado das classes servas na península desde o VIII até o XII seculo*, que ocorre no 3º vol. dos *Opusculos*.

Ahi se encontra o essencial para desfazer a noite profunda em que se debate o espirito do sr. Manoel Bomfim.

Defendendo a sua grande obra das censuras, aliás miniaamente cortezes, de Th. Muñoz y Romero, escreveu o egregio pensador: «O estudo reflectido dos historiadores arabes e dos monumentos christãos da epocha da conquista e do dominio sarraceno tem feito sentir que essa conquista e esse dominio estranho fôram, na historia das invasões e da sujeição de raça a raça, de povo a povo, entre os factos de semelhante ordem, *um dos que custaram á humanidade menos tyrannias, menos lagrimas e menos sangue*. Tem-se dado o devido desconto ás exaggerações das chronicas e á linguagem de certos escriptores christãos contemporaneos, aonde auctores mais modernos fôram buscar os lineamentos dos seus quadros de terror, quando ahi mesmo se encontram as provas de que os factos não correspondem ás expressões genericas com que é descrito, como um dos mais crueis flagellos, o dominio dos sarracenos na Península. Si junto do Guadalete se desmoronou o imperio dos godos, a sociedade visigothica ficou.

As provincias ou as cidades que acceitaram, *sem resistencia*, o jugo dos novos senhores não tiveram que padecer sinão as consequencias dos grandes movimentos militares sobre qualquer territorio, as violencias accidentaes durante a lucta. Em geral, (*vá reparando, sr. Bomfim*) a ordem das relações civis, e uma parte das publicas continuam a subsistir do mesmo modo que dantes. O tributo e o exercicio das altas funcções da administração do Estado é que mudam. Nas provincias meridionaes da Hespanha fica, até, por algum tempo um simulacro de imperio gothico, o reino de Theodomiro, tributario mas livre, que se incorpora obscuramente depois nos dominios do kalifa. No meu livro,

busquei desenhar com fidelidade essa nova situação; dar aos successos o seu verdadeiro valor, estribando-me nos monumentos coevos, e fazer sobresaír a *população mosarabe* godo-romana, tão esquecida em geral pelos historiadores.» (Op. cit., III, pag. 245).

Essa população *mosarabe*, (quasi arabe) que o insigne escriptor trouxe plenamente á luz da historia, e da qual falavam vagamente os seus antecessores sem lhe comprehender o alcance e a função na sociedade hispanica durante o dominio sarraceno, é a prova mais completa e mais eloquente da moderação da conquista e do governo mahometano na península. Constitua ella quasi a totalidade dos habitantes da Hespanha, excepção apenas dos que estanciavam no seu alto norte, que não soffreram o jugo sarraceno ou o sacudiram logo. O estudo dessas gentes no 3º e 4º volumes da *Historia de Portugal* constitúe uma dessas reconstrucções historico-sociaes que só se encontram nos trabalhos de Niebuhr, Mommsen, Treemann, Rancke e outros espiritos de primeira ordem.

Essa parte da obra de Herculano é uma das mais valorosas, sinão a mais valorosa manifestação da sciencia iberica no seculo XIX.

Guizot e Thierry não teem nada que se lhe compare na amplidão do quadro e na profundeza das vistas.

Foi alli que o sr. Th. Braga, corrompendo, deturpando, denegrindo linhas e perfis, foi buscar todo o material das suas *Epopéas da raça mosarabe*, vendo uma *raça* onde apenas estava uma classe da população, e *epopéas* onde apenas estavam factos politicos, sociaes, economicos positivos.

O sr. Bomfim evidentemente nunca leu a *Historia de Portugal*.

Digo-o com magua: este delicto não é só delle... Dos oitocentos ou mil litteratos que empavezam das mais garridas côres a sua incommensuravel vaidade e passeiam-na por essas ruas fóra, por desdém e acinte aos *burguezes*, de que tanto fabulam, talvez nem quatro ou cinco tenham lido esse grandioso monumento da nossa lingua!

A intuição dominante é a de ter sido Herculano apenas o romancista, hoje *demodé*, de *Enrico*, que raros terão lido, e do *Monge de Cistér*, conhecido só de titulo e este mesmo quasi sempre pronunciado erradamente. É um horror, uma verdadeira desgraça.

Que pôdem saber de serio do povo brasileiro — doutores, bachareis, litteratos, jornalistas, politicos, escriptores, que nada sabem da formação do povo portuguez, de seu estado social, intimo, organico, nos quatro primeiros seculos de seu viver?

Nada, ou essas barbaridades que infestam a *America Latina*.

Os erros brotam, pullulam, crescem,

engrossam, lastram, alli, com a pujança duma floresta tropical.

Lá dentro o espirito suffoca-se como o viajante na matta hirsuta e densa do Congo.

Só a geral ignorancia do mundo legente no Brazil pôde explicar a attenção despertada por um livro tão mal feito, tão falso, tão cheio dos mais grosseiros erros.

Mas, tornemos a Herculano.

Caracterizando rapidamente a população romano-goda, que se congraçou completamente com os arabes, escreve: «Civilmente, socialmente, os *mosarabes* eram sarracenos. Do modo como essa grande maioria da população romano-gothica buscava, em geral, assimilar-se aos conquistadores, temos sobejas provas nos escriptos contemporaneos de Alvaro de Cordova, d'Eulogio, do biographo de João Gorze, nas actas dos martyres Voto e Felix e em outros monumentos.

Os mosarabes serviam nos exercitos musulmanos. Entre os altos officiaes da corôa na côrte de Cordova, figuram condes godos, e apparecem-nos a cada passo magistrados, funcionarios, prelados (Tome nota, sr. Bomfim! Que tal a fogueira!...), sacerdotes *godo-romanos* nas provincias do vasto imperio dos *benu-umeyyas*. Quantos destes, pospondo as questões religiosas, e adoptando a tolerancia dos dominadores arabes, seriam verdadeiramente addictos á situação politica em que se achavam, elles, que abraçavam não raro os nomes proprios, os costumes, as usanças, a civilização e a lingua dos mussulmanos, a ponto de esquecerem completamente o idioma néo-latino, segundo o testemunho de Alvaro de Cordova; elles, que admittiam, até, a circumcisão, se acreditarmos o *Indiculum* e a biographia de João de Gorze? Não achamos nós ainda no seculo XI os bispos mosarabes, esquecidos das funcções episcopaes, e dedicados inteiramente á vida politica, empregarem-se no serviço profano dos respectivos soberanos sarracenos? Se nos proprios Estados dos reis de Leão, a mistura dos usos mussulmanos com os christãos dava, ás vezes, nas exterioridades do culto, occasião a factos que seriam comicos, se não fôsem irreverentes, o que seria essa mistura entre mosarabes e ismaelitas nos Estados mussulmanos?» (*Op. cit.* III, pag. 272).

A esse viver em commum, a essa assimilação quasi completa da generalidade das gentes hispanicas e dos mussulmanos, é que o sr. Bomfim chama torrar-se nas fogueiras da guerra por oito dilatados seculos.

Esquece que a reconquista néo-gothica, iniciada nas Asturias, Oviedo, Leão, Navarra e no que veio a ser o condado de Barcelona, alcançadas certas vantagens durante os seculos VIII

e IX, havendo, desde então, retomado todo o norte da peninsula de mar a mar, passou a ter varios periodos de paz.

No que se pôde chamar a sua segunda phase, perdeu o character primitivo de barbaria. Deu lugar a largas phrases de socego e ordem.

Só por figura de rhetorica é que se continúa a falar na interminavel *batalha de oito seculos* entre sarracenos e christãos.

E' apenas uma *hespanholada* que o sr. Bomfim inconscientemente repete.

SYLVIO ROMÉRO.

### D'AQUI E D'ALLI

As cidades, como todas as coisas, teem vida continua e não intermitente. Existe, porém, um logarejo na California, que é precisamente o contrario da regra geral. Avalon—a cidade que morre e renasce—situada na ilha de santa Catalina, perto de Los Angeles, vive durante quatro ou cinco mezes por anno. Em abril, sae da terra, dum sólo que não era sinão um deserto arido; engenheiros estabelecem toda a parte subterranea duma cidade: exgotos, canalisação d'agua, etc. Ha uns pequenos *chalets* sem importancia que são as repartições administrativas. A cidade não comporta uma casa sequer; está cheia de tendas, que, postas ao abrigo no inverno, saem dos seus recantos em abril. São de todas as dimensões estas barracas; ha pequenas que dão espaço para um movel, apenas; outras teem salão, refeitório e alguns quartos. Os alugueis são moderados, e a companhia que explora a cidade ganha pouca coisa nisto; o seu lucro está todo na venda das provisões. Organizam tambem tendas de leitura, de musica. No verão, Avalon contém 80.000 pessoas, todas alojadas em innumerables barracas espalhadas pelas praias duma linda bahia. Restaurantes, barcos, jornaes até, tudo possui essa cidade ephemera. Chega, porém, um inverno terrivel e ella desaparece para, em abril, de novo surgir, alegre e movimentada sempre.

\*\*

Um escriptor inglez, na *Monthly Review*, affirma, muito seriamente, que, si os japonezes venceram os seus poderosos inimigos, é que estão, desde seculos, profundamente penetrados de harmonia. Elles cultivam a poesia, a musica, a musica grega, em summa, que é o fundamento de toda a educação. Kakasu Okakura, em sua obra *Idéal do Oriente*, diz que a suprema regra de vida, no Japão, foi o sacrificio de si mesmo pela comunidade

e que a arte era estimada pelos serviços que prestava á vida moral da sociedade. A musica foi collocada em primeiro logar, porque o seu papel era o de conservar entre os homens a bôa harmonia. A educação poetica está tão espalhada, que, frequentemente, durante as paradas no curso de uma marcha, se vê o soldado tirar o seu caderno e escrever um poema sobre a passagem que o encanta. As gentes mais miserables da terra do mikado escrevem sonetos nos recantos onde passaram a noite. Pessoas em passeio, em dias de festa, andam com as sandalias de madeira, marcando o passo e seguindo um ritmo muito doce e encantador.

\*\*

Durante as excavações feitas nos arredores de Breslau, descobriu-se uma cidade prehistorica; fôram encontradas algumas centenas de cavernas contendo armas de sílex, quinientos tumulos e mais de seis mil vasos e utensilios diversos. Missões scientificas organizaram-se para verificar a importancia desse achado archeologico.

\*\*

A maior flôr conhecida até hoje é a do *bo-o*, planta que cresce nas illhas Filipinas, nos flancos dos vulcões, a muitos milhares de metros acima do nivel do mar. Os botões da flôr do *bo-o* teem a dimensão de grossas conves; quando está aberta, tem cerca de um metro de comprimento e peza mais de 10 kilos. Sendo impossivel transporta-la para a Europa, ainda fresca, photographaram-na e as petalas secas fôram enviadas ao Jardim Botânico de Breslau. Descobriu essa flôr colossal a expedição botânica allemã dirigida pelo dr. Schadenberg.

\*\*

O palacio de Fontainebleau, onde se encontram tantas recordações da historia da França, está em ruina. A média das despesas de conservação, que excedeu a 293 mil francos por anno durante o segundo imperio, não attingem, desde 1871, a 107 mil francos. Actualmente seria preciso um milhão para collocar-o em estado seguro. O architecto desse palacio que se desmorona avalia em 905 mil francos os trabalhos, que elle divide em urgentissimos, urgentes e necessarios.

As camaras francezas votaram ultimamente um credito de 50 mil francos; mas ha a temer que as ruinas andem mais depressa que as restaurações.

\*\*

Um periodico original appareceu no Japão. Com o nome de *Tegami Zasshi*, (magazine de cartas) os japonezes obrigam-se a publicar uma revista que

facilite a correspondencia, dando modelós de missivas e presidindo a evolução desse genero tão descuidado no paiz de Nippon. Entre os artigos do primeiro numero, salientam-se algumas epistolas amorosas ao lado de varias cartas de negocios. Insiste-se ahi no vello habito japonéz de misturar os sentimentos com os assumptos puramente commerciaes, e os redactores do *Tegami Zasshi* pedem aos seus patricios para não cair nestes erros, que os tornam ridiculos aos olhos dos outros povos civilisados.

\* \*

Ha em Pariz uma sociedade franceza de paleologia cujo fim é reunir e pôr em relação uns com os outros, archivistas, numismatas, archeologos, e de procurar, principalmente, com os que vivem, nas provincias todas, as notas que lhe possam interessar e salvar ou tirar do esquecimento trabalhos dignos de estar conhecidos. Essa sociedade acaba de nomear uma comissão encarregada de catalogar as riquezas artisticas, scientificas e literarias antigas que se acham em casas particulares e são desconhecidas do publico.

\* \*

A *Encyclopedia Judaica*, que apparece em Nova-York, é uma publicação das mais importantes para a sciencia hebraica. O dr. Kochler, que, no ultimo volume, escreveu o artigo Novo Testamento, é um especialista em tudo que diz respeito á epocha de Jesus.

A religião christã, segundo elle, teve as suas origens na prophécia de Jeremias, onde Jehovah declara que iria fazer uma nova alliança com Israel e a casa de Judá. Prova o sabio articulista que Jesus, não tendo rompido com a religião em que tinha nascido, não tivera a idéa de fundar seita nova. Christo se achou em conflicto não com os phariseus e sim com os saduceos. O Sanhedrim condemnára-o pelo seu desrespeito ao Templo.

O estudo sobre a raça judia rejeita que ella seja semita. Os israelitas não são habitualmente dolicocephalos como os arabes. Descenderão, talvez, dos armenios, ou dos hittitas da Mesopotamia, que teem o mesmo angulo facial.

\* \*

O deputado italiano Romussi apresentou em uma das ultimas sessões da sua camara, uma interpellação ao ministro da Instrucção Publica sobre a urgencia de restaurar, o mais breve possivel, o celebre quadro *A ceia*, de Leonardo de Vinci.

A téla tem soffrido muitas intemperies e está a ponto de ficar completamente arruinada.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Da margem esquerda do Paraná a Tuyuty — A imprensa de Lopez — «Argentinos, ni general ni ejercito!»*

Graves censuras disfarçadas, ainda hoje, são feitas em tom *amigavel* ao benemerito almirante Tamandaré, porque a esquadra brazileira não tentou impedir atravessassem o rio em flotilhas de canôas as pequenas partidas inimigas, que tantas vezes incommodaram as avançadas aliadas no territorio de Corrientes. O Paraná estava, nessa epocha, em vasante, e os nossos navios de guerra de grande calado arriscar-se-iam a ter a mesma sorte do *Water Witch*, pequeno vapor de guerra americano, calando nove pés e de quatrocentas toneladas, que encalhou de forte do forte de Itapirú, onde foi attingido dez vezes por projectis, que lhe mataram o quartel-mestre e feriram alguns homens da tripolação. Isto foi ao primeiro dia de fevereiro de 1855 e o navio levava bom pratico.

Actualmente, os vapores da companhia Mianowich, que fazem a navegação do Paraná, chegam até Posadas, capital de Misiones, sómente quando o rio está crescido. Si baixo, os passageiros são baldeados, em Corrientes, para outros de menor calado, podendo navegar sobre os numerosos baixios, que difficiltam a navegação.

O velho e glorioso marinheiro sabia bem o que fazia e não achou conveniente mandar subirem seus navios sinão depois de começar a enchente e sinão depois que o exercito chegasse. Pouco soffreram, entretanto, as armas da Alliança com essa demora. Quando chegámos á sua margem em fins de março, o rio crescia aos palmos e as aguas revoltas tinham perdido a suave limpidez azulada da estiagem.

Era chegada a hora de precizarmos da nossa valente esquadra para as operações da invasão, e ella estava allí, prompta. Era a primeira vez que viamos encouraçados. Sabiamos pelos jornaes que quatro annos antes os «Confederados», rebeldes na guerra de secessão americana, haviam transformado no terrivel *Merrimac*, a fragata do mesmo nome, que fôra abandonada e quasi submergida pelos «Federados», no arsenal de Norfolk. Sabiamos tambem, que depois das grandes façanhas do dia 8 de março de 1862, surgira na arena no dia seguinte um combatente pigmeu, de estranha fórma—a *cheese-box* ou a *raft*—o *Monitor*, que fez retirar-se, seriamente avariado, aquelle ephemero heróe. Tinhamos então apenas quatro desses navios *retovados* de feno, como diziam os nossos camaradas da cavallaria rio-grandense. O *Brazil*, o *Barroso* e

o *Tamandaré* faziam lembrar o *Merrimac*. O *Bahia* tinha o typo do *Monitor*.

Os homens d'armas da idade média cobertos com os seus corseis, de armaduras de aço, fôram pouco a pouco desaparecendo depois da descoberta da polvora e do melhoramento das espingardas. O aperfeiçoamento da polvora e dos canhões cobriu de chapas de ferro o costado dos nossos navios. Efeitos contrarios produzidos pela mesma causa. Serão permanentes? Os torpedos e submarinos farão desaparecer as armaduras e voltarmos aos barcos livres, baratos e velozes? Os cadetes daquelle tempo se occupavam com essas questões, que, ainda hoje, estão sem sulução e assim conversavamos sobre os novos couraçados que tinhamos á vista e que passavam, com as canhoneiras de madeira, navegando acima e abaixo, fazendo reconhecimentos, sondando os canaes, explorando a costa e trocando um ou outro canhão com a artilharia inimiga, que, de vez em quando, abria a bocca e vomitava uma bala de 68, que os soldados appellidavam de «queijo»—. Convézes e casa-mattas já tinham sido tintos pelo sangue precioso dos nossos bravos companheiros da marinha, que nos prestaram, naquelles tempos de tanto heroísmo e abnegação, serviços que os que lá estiveram jámais esqueceram. Chegavamos ao meiado de abril. Já o livro-mestre do exercito nacional registrava um dos feitos mais gloriosos da cruentissima campanha: o combate de 10 abril, na ilha Cabrita, onde novecentos brazileiros, atacados alta noite de surpresa, por mais de mil e duzentos paraguayos escolhidos dentre os guerreiros mais bravos, exterminaram quasi todos esses temerarios, tendo perdido somente cerca de cento e cincoenta dos seus camaradas, entre mortos e feridos. Era curioso ler o *Boletim do Exercito*, de Lopez, noticiando a *victoria dos seus soldados, que tomaram as nossas posições e aniquilaram completamente os covardes e escravos brazileiros, que, ajoelhados e de mãos postas, lhes pediam misericordia, dizendo que tambem eram paraguayos.*

Com todas essas nossas *tremendas derrotas*, o grande marechal levou-nos de *vencida* até ás margens do Aquidaban, onde terminou a guerra pela falta de combatentes e delle proprio, que entrava em fogo pela primeira vez.

Os canhões de grosso calibre da nossa esquadra já haviam desmantelado o pequeno forte de Itapirú e as nossas granadas explodiam frequentemente no meio dos quartéis das forças do Dictador, no Passo da Patria, onde elle se sentia pouco seguro e já não tinha desejo de nos esperar.

Para exaltar o espirito de seus soldados, cuja valentia, obediencia e

abnegação dispensavam taes estímulos, Lopez, nos mandava injuriar pela sua imprensa. O *Boletim do Exercito*, o *Semanario* e o *Cabichuy* ficaram nossos conhecidos. Às vezes, sem sabermos como, appareciam exemplares, cobertos de injurias aos alliados, nos nossos acampamentos. Alguns eram encontrados nos bolsos dos mortos e feridos; outros, nas avançadas e muitos deixados provavelmente pelos espiões, que não eram raros e passavam facilmente por orientaes no acampamento argentino, por argentinos no oriental, e por orientaes ou argentinos no brasileiro. Nas suas insultuosas publicações, todos nós das tres potencias alliadas eramos tratados de covardes e tudo o que lia de peor. Muitos annos depois, durante a revolta de 93, vi com desgosto que, alguns dos nossos chefes militares, pareciam ter aprendido as más lições de Lopez e lançavam as mesmas injurias aos adversarios, em suas partes officiaes de combate.

Não sei que gloria havia em triumphar de um inimigo covarde. Os japonezes exaltaram-se, exaltando a coragem dos russos na ultima guerra.

O pequeno periodico illustrado *Cabichuy* tinha, ás vezes, pillerias muito insulsas; outras, bastante picantes, como as suas ferretoadas, porque tinham certo fundo de verdade. Os nossos generaes eram representados por lentas tartarugas, arrastando a custo, pezadas espadas; um macaco, de barbas grandes com uma corôa na cabeça, figurava o Imperador. Davanos o nome de *cambays*, que significa negros. Até o nosso balão captivo, destinado a reconhecimentos, não escapou á veia humoristica do Gavarni guarany, que o pintava agarrado as costas de um kagado.

Definiu, uma vez, os alliados na seguinte sentença, cuja injustiça dispensa commentarios:

*Orientales... general sin ejercito  
Brazileiros... ejercito sin general  
Argentinos... ni general ni ejercito!!*

Demonstrámos que laborava o terrível *maribondo* em pleno engano.

Os poucos orientaes valiam por muitos; o nosso general Osorio deu ás tropas do dictador uma lição de mestre em 24 de maio; Caxias desbaratou-o em dezembro de 1868 e o principe acabou de aniquilal-o em 1º de março de 1870. Mitre, com os seus bravos batalhões, deu mais brilho ao sol de maio que doira a bandeira da sua patria.

Todo o exercito alliado estava reunido nos barrancos do Paraná sob o commando do nosso eminente general em chefe. Em Missões, perto de Candelaria, Porto Alegre commandava cerca de quinze mil homens, promptos para invadirem o Paraguay por Ita-

púa, hoje Encarnacion, seguindo, talvez, o mesmo caminho do dr. Belgrano, em dezembro de 1810.

O exercito de Osorio, o 1º corpo, tinha uns trinta mil homens, afóra um numero consideravel de doentes, cuja maior parte estava sendo tratada em Corrientes, onde foi alugado para hospital um *Saladero*, em que os microbios damnhinhos deviam ter grandes ninhos. Estavamos promptos para effectuar a passagem. Havia mais de duas semanas que estavamos acampados allí, junto ao barranco, que cada dia ficava menos elevado, olhando horas esquecidas para a margem opposta, onde tudo era mysterio e segredo para nós.

Um dia, apesar da reserva em que se manteve o quartel-general, circulou rapido o boato — que a hora solemne da invasão se approximava.

A nossa anciedade era indescritivel e pedia-lhe meças a curiosidade que nos impellia.

Por onde passaríamos? Qual seria o ponto escolhido para penetrarmos naquelle territorio, que os seus dictadores conservaram insulado do mundo, sem uma carta que indicasse bem os seus accidentes, o curso dos seus rios, as lagôas, as serras, os *estêros*, as mattas e os campos, as estradas e os povoados?

Nem roteiros, nem memorias existiam. As unicas informações nos vinham de prisioneiros de guerra, suspeitos ou ignorantes e da legião paraguaya, que pouco podia esclarecer.

Discussiamos, ás vezes, sobre o melhor plano de invasão, mas não com tanto calor como certos *mariscaes* da rua do Ouvidor, que bem podiam dar lições de estrategia e de tactica ao mais abalisado dos Oyamas.

Alguns acreditavam que passaríamos nas proximidades do Itapirú, porque para isso occupámos a pequena ilha fronteira e os nossos navios já haviam desmantelado o pequeno forte. Outros, mais avisados, contestavam esta opinião, apontando para o acampamento do Passo da Patria, muito proximo, e donde rapidamente chegariam reforços poderosos para se oppor ao desembarque. Diziam que a occupação da ilha Cabrita tivera apenas por fim chamar para allí a attenção do inimigo. Muitos pensavam que seria rio acima, lá pelas immediações de Itaty, pelos reconhecimentos que fôram mais de uma vez feitos por allí. Nada transpirava do plano adoptado. A mesma incerteza que nos excitava o espirito devia torturar o cerebro do Dictador, que não primava, aliás, em rasgos estrategicos e dos seus bravos capitães que consideravam, na sua maior parte, a guerra, uma carga violenta, de espada alta, contra o inimigo, sem arte nem sciencia.

No dia 15, o nosso general Osorio fez publicar uma ordem do dia, em que apontava as terras da outra banda, dizendo-nos: «é por allí que váe o caminho do dever; a elle soldados. Avante!». Não me lembro mais exactamente dos seus termos; ficou-me gravado, porém, na memoria o sentido nobre e patriótico. Ficamos todos alvoroçados e cheios de entusiasmo. Iamos nós, brazileiros, ser os primeiros a pizar o territorio inimigo! Cabia-nos a hora da vanguarda da invasão! Assim devia ser, porque o sólo sagrado do Brazil fôra o primeiro a ser profanado pelos soldados de Lopez.

Na mesma noite desse dia, encostaram ao barranco do nosso acampamento onze vapores com chatas e chalanas a reboque. Embarcaram as divisões Sampaio e Argollo, o piquete do general Osorio, commandado pelo meu amigo Pantaleão, uma pequena força de cavallaria e oito canhões com o pessoal respectivo do meu regimento, commandados pelo João Mallet. O velho ia tambem com o filho querido. Os artilheiros e conductores, os muares e cavallos embarcaram nas chatas.

Pouco mais de nove mil eram esses filhos do Brazil, que iam, no dia seguinte, operar o desembarque naquella região coberta de bosques e cortada em todas as direcções por grandes banhados e lagôas profundas, que já se communicavam com os dois immensos rios proximos, cujas aguas de enchente invadiam as baixadas, as *sangas e canhadas* e difficultavam a marcha dos invasores. Lopez, o dictador omnipotente, allí nos esperava com trinta mil dos seus guerreiros fanaticos, promptos a morrerem ao seu mais leve aceno e crendo que resuscitariam em Assumpção, aureolados de gloria immortal, aquelles que caíssem aos nossos golpes. Contra os grandes obstaculos da natureza e a dedicação heroica daquella gente, a tudo disposta, a operação era certamente bastante delicada. Felizmente tinhamos por nós a fortuna de Osorio e a consciencia da alta missão que iamos cumprir na presença dos nossos alliados, que, além de bons amigos, não deixaram de ser excellentes criticos. Iamos para a lucta com a alma avigorada pela justiça da nossa causa e illuminada pela luz pura e resplandecente do amor á nossa patria, que queríamos ver gloriosa e respeitada. A nossa vida estava dada em *consumo*, como diziam os camaradas, e mais, do que ella, valia, em nosso intimo, a honra do Brazil.

O dia 16 de abril amanheceu encoberto. Nuvens de cinzento escuro tolhavam o céu e escondiam o sol do Paraguay. Quem sabe si para aquelles guerreiros supersticiosos não foi um

máu presagio? Dizem que a natureza transmite ao homem as suas alegrias e pezares. Eu creio ser o contrario. O homem vê a natureza triste ou risonha com os olhos da alma enluctada ou em festa. Aquelle dia nublado se nos mostrava risonho e viamos tudo mais claro na margem opposta, que parecia approximar-se de nós. Embarcámos a meia marcha, com bornal e cantil e capote a tiracollo. Os navios de guerra navegaram para a costa paraguaya e estenderam-se em linha, rompendo, sobre as posições de Itapirú e Passo da Patria, forte bombardeio, mascarando com a fumaça o movimento dos nossos transportes carregados de tropa, que approaram para o pequeno forte como si alli fôsse o ponto escolhido para o desembarque e, subitamente, viraram de bordo descendo a toda a velocidade e entrando no rio Paraguay pelo canal entre a margem esquerda e a ilha do Atajo. A meia legua de confluencia, parámos. Haviamos chegado ao ponto escolhido. Que emoção a nossa! Deitavamos cerca de nove kilometros do quartelamento do exercito de Lopez. A distancia podia ser vencida pelo inimigo em pouco mais de uma hora; mas a marcha seria feita pela margem do rio em presença da esquadra, que estava a tiro de metralha. Lopez pensou, talvez, que o nosso movimento fôsse uma diversão para illudil-o. Do nosso lado estava a certeza e ao inimigo atormentava a duvida. Fizemos a travessia em menos de uma hora. Os transportes encostaram á barranca e começou o desembarque. Em quanto os batalhões formavam, o intrepido general que nos commandava montou a cavallo, poz-se á frente do seu piquete empunhando a predilecta lança com que carregava temerariamente nos seus bons tempos de subalterno e internou-se pelas clareiras, que abundavam naquellas paragens para reconhecer, em pessoa, o terreno povoado de mysterios. Desabou sobre nós uma chuva de pedras grandes como ovos de pomba e a ventania açoitava a ramalhada da floresta, quando crepitou adeante a fuzilada. Ouviram-se toques de corneta e, entre todos, reboou alegre o de 2.º de Voluntarios, avançar. Era o batalhão de Deodoro, que corria em auxilio do temerario general, descoberto, ao passar num banhado com agua até á carona, pelos paraguayos, que tinham alli uma força das tres armas, para vigiar a confluencia. Outros batalhões nossos avançaram tambem e pouco depois chegára aos nossos ouvidos, já muito distante, o toque alviçareiro e convincente de carga. A nossa infantaria investia, á bayoneta os corpos paraguayos e levava-os de vencida. O seu commandante foi morto por um golpe da sabia

arma, que tantos loiros ceifou para nós naquella guerra de cinco annos.

Estava transposto o Paraná e verificada, mais uma vez, a opinião dos grandes generaes, baseada no estudo das campanhas militares, que é operação muito difficil á passagem dos rios defronte de forças inimigas consideraveis, mas quasi sempre bem succedida.

O illustre Clausewitz, na sua *Theoria da Grande Guerra*, cujos livros tanto concorreram para as assombrosas victorias da campanha de 1870, ensinando aos seus compatriotas a sciencia com que os bateu Napoleão, o maior de todos os grandes capitães, diz que a passagem dum rio, quando forçada num ponto, tira á defensiva as probabilidades da resistencia, que se assemelia, então, á desses instrumentos de aço finalmente temperados, que se rompem aos choques do martello e ficam imprestaveis.

Depois de realizados os grandes feitos, vem sempre a critica mordaz, muitas vezes de envolta com a inveja e a ignorancia da historia, procurando diminuir-lhe o brilho. Foi o que aconteceu a Osorio, o immortal, o idolo do exercito, que o amava porque via sempre a gloria scintillando na ponta da sua lança legendaria. Accuzam-no por se ter arriscado temerariamente num reconhecimento, á viva força, á frente de poucos homens, quando dependia da sua vida o bom exito da operação.

Ninguem pôde fixar limites á intrepidez, que é uma das mais nobres virtudes militares, aquella que, no pensamento de Clausewitz, dá á alma do guerreiro, desde o soldado até ao general em chefe, as mesmas qualidades que a tempera do aço dá ás armas — melhor gume e maior brilho.

Osorio avançou na frente e foi o primeiro a pizar a terra paraguaya! Fez mal — dizem os criticos frios. Fez muito bem — exclamam os soldados entusiasmados do 1.º corpo de exercito, que elle conduzia á victoria.

Carlos XII lançou-se ao mar de espada na mão, adeante dos seus valentes suécos, no porto de Wumblebek, ardendo de impaciencia por atacar Copenhagen, e foi feliz e venceu.

Si Guilherme, o Bastardo, conquistou a Inglaterra sendo o ultimo normando a desembarcar em Pevensey; Alexandre Magno foi tambem victorioso e cobriu-se de gloria, saltando, o primeiro, do triacontero da vanguarda, quando atravessou o Wydacepe deante do exercito de Pones.

Foi tambem esse conquistador predestinado o primeiro do seu exercito que galgou as altas muralhas da cidade dos Oxydracas, no paiz dos Mallios, á margem do Acesinez. De-

odoro foi o Pencetas de Osorio na jornada de 16 de abril.

Lopez mandou reforços aos seus batalhões da confluencia, mas a esquadra fel-os retrocederem á metralha.

Muito antes do sol esconder-se, estavamos bivacados num campestre, proximo á margem do Paraná, a 4 kilometros de distancia do ponto de desembarque. A marcha foi penosissima através de banhados e sangas cheias. O forte de Itapirú ficava-nos a montante e a pequena distancia. Tivemos apenas um official e doze soldados feridos. Tres camaradas de infantaria lá ficaram para sempre indicando, com as cruces das suas covas, o logar onde a patria querida por quem deram a vida, se cobriu de gloria immorredora. Os nossos oito canhões estavam estendidos, em linha, numa ligeira eminencia, olhando para vasto macegal que ía terminar para a frente na ourella de um matto afastado. Os corpos das duas divisões de infantaria — Sampaio e Argollo — bivacavam nos nossos flancos e rectaguarda, um pouco amontoados. Linhas de atiradores, com os competentes apoios, cobriam o campo, velando pela segurança de todos nós. De vez em quando, levantava-se em cada batalhão uma companhia ou grande divisão para render a outra que estava de promptidão; officiaes de ronda passavam; o general Osorio rondava tambem os acampamento e as avançadas. Argollo e Sampaio não dormiam. A vigilancia era muita. Era a primeira noite que o exercito passava no territorio paraguayo, na visinhança de um inimigo audacioso que não perderia occasião de vir sobre nós. Uns velavam, enquanto outros repouzavam das fadigas e das impressões fortes daquelle dia memoravel. O somno destes era placido e descuidado dos perigos que os rodeavam, porque, si os paraguayos viessem, as avançadas estavam alerta e dariam signal. Haverá tempo de entrar em fórma. Muito valia aquella mocidade forte e sadia, conscia dos seus nobillissimos deveres e que cumpria a sua missão com amor e entusiasmo. Os rapazes daquella epocha de glorias são os velhos de hoje. Olham para o passado com saudades dos camaradas, dos commandantes, dos generaes que já se fôram e deram exemplos dignos de imitação. Vêem com esperanças a geração nova, que se levanta cheia de seiva e de vida e confiam que ella seguirá sempre o caminho do dever, que Osorio apontava aos seus soldados na vespera da invasão.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*O pára-raio. — A theoria de Faraday e Melsens. — O relatorio do Congresso de 1882 e o da commissão do Instituto Real dos Architectos de Londres.*

Depois da invenção de Franklin, a theoria do pára-raio foi modificada por varios especialistas, entre os quaes se destacam Faraday e Melsens, o qual propoz substituir a haste unica, baseada no poder das pontas, das agulhas metalicas, distribuidas sobre o edificio, nas arestas e nos angulos, formando uma rêde de malhas, dando os mesmos resultados que a experiencia conhecida pela camara Faraday.

O relatorio do Congresso de 1882, cujas conclusões fazem lei actualmente, adoptou o conductor vertical, pondo em perfeita comunicação electrica o ponto culminante do edificio com o sólo, graça ao *dispersa-fluido*.

Reconhecendo que este methodo foi efficazmente protector em grande numero de casos, verificou-se, todavia, que elle não previne todos os perigos, e o Instituto Real dos Architectos Inglezes encarregou, em 1901, uma commissão especial de fazer um novo estudo do problema.

Os trabalhos dessa commissão fôram concluidos em 1904; acabam de ser publicados e teem consideravel importancia. Estabelecem, em primeiro lugar, que as descargas do raio não seguem, exclusivamente, o conductor vertical do pára-raio de Franklin, mas exercem, tambem, uma acção ambiente e que um edificio sómente fica completamente immunizado, quando rodeado de uma cintura garantidora do ambiente electrico.

A physica modernissima dá, portanto, razão a Faraday e a Melsens. A theoria da gaiola substitue a das pontas. O relatorio de 1905 se pronuncia contra estas, demonstra a urgencia de combinar o conductor horizontal com a haste vertical, no cume e na base do edificio, recommenda, além disso, que se não doire, nem prateie a ponta da haste, voltando ao conductor de ferro em vez do de cobre e, sobretudo, a necessidade de manter a permanencia da conductibilidade electrica, mergulhando o tubo do *dispersa-fluido* em uma camada de carvão vegetal, constantemente humedecida pela agua da chuva ou irrigada.

O novo relatorio duvida da acção protectora de uma haste em um raio do dobro da sua altura; aconselha erigir, como medida de precaução, duas hastes sobre cada ponto culminante de uma construcção elevada, uma de cada lado; insistir, particularmente, nos frequentes exames dos pára-raios, afastando sempre delles, a grande distancia, as conductos de

gaz. Esse relatorio signala um progresso real nas idéas adoptadas, até então, nessa especialidade de protecção contra os accidentes meteorologicos.

## ARMADA NACIONAL

*O material durante a actual administração. — O côro de louvores. — As resistencias passivas. — As flotilhas.*

A 15 de novembro de 1902, terminou a infecunda administração do almirante Pinto da Luz. O nosso material fluctuante não fôra augmentado, nem melhorados fôram os arsenaes, sujeito como estava o paiz ao asphyxiante regimen de economias decorrente do *funding-loan*. Contudo, durante a sua gestão, força é confessar, quasi todos os navios da esquadra fôram reparados e mativeram-se em actividade.

Naquelle data, assumiu a gerencia da pasta da marinha o almirante Julio de Noronha, que, para uma parte da armada, condensava as derradeiras esperanças no resurgimento do nosso poder naval.

No seu primeiro relatorio apresentado ao presidente da Republica em 1903, o novo ministro fazia resaltar, como quantos o haviam antecedido na pasta, a fraqueza da nossa esquadra, pediudo, tambem como quantos o haviam antecedido, que fôsem concedidos creditos para novas construcções, sem, comtudo, expender idéas definidas a respeito. E, no emtanto, porque dissêsse o que muitos outros já anteriormente haviam dito, provocou aquelle relatorio, em certa parte da imprensa, um côro de louvores que até então nenhum outro ministro merecera, e só explicavel pelo facto de contar este, de agóra, sympathias pessoas em alguns diarios onde mesmo collaborava. E um grupo de officiaes, sempre prompto a manifestações, constituiu-se, em nome da classe, para levar-lhe o testemunho da admiração que esta lhe tributava, pela bocca de oradores, sempre inflammados.

Não estamos, porém, discutindo o relatorio do actual ministro e, muito menos, as suas consequencias. Pelo rumo, que demos ao nosso estudo, analyzamos agóra o desenvolvimento do material fluctuante através das ultimas administrações.

A esse respeito, naquelle relatorio, dizia-se: « Nesse periodo (refere-se ao decennio de 1891 a 1900), o Chile, mediante um dispendio cujo valor, em termo médio, attingiu a 24.576:000\$ annuaes, adquiriu unidades de combate representando 43.430 toneladas. Fez mais ainda: impulsionou as obras

do porto de Talcahuano, cujo dique importou em £ 489.300; creou um porto de refugio com pequenas officinas em Puerto Zenteno, na circumvisinhança de Punta Arenas; estabeleceu em Coquimbo, Talcahuano, Ancud, Puerto Ramires e Puerto Zenteno depositos de carvão capazes de, em circunstancias normaes, abastecer a esquadra por espaço de tres annos; e, finalmente, creou, em agosto de 1898, um regimento de artilharia para a defeza de costas, que é confiada á marinha. »

E, para comparar, continúa: « Por seu turno, o Brazil, durante o mesmo decurso de tempo dispendendo em termo médio, 28.657:181\$651 annuaes, limitou-se a augmentar o seu poder naval com a aquisição de navios, cujo deslocamento não excedeu de 27.179 toneladas, algarismo inferior ao do Chile de 16.251 toneladas.

Ora, nada nos impede de comparar, pelo mesmo processo, a despeza realisada e a tonelagem das unidades adquiridas pelo Chile, em um periodo de quatro annos, dentro daquelle decennio, e os mesmos elementos, no Brazil, num decurso tambem de 4 annos, e em epocha muito proxima da daquelle decennio; e, como as novas construcções do programma naval, dito por uns — programma Noronha e por outros chamado — programma Pita — serão levadas a termo com verbas especiaes, fôra do orçamento ordinario, poderemos dizer, em 15 de novembro de 1906, ao terminar a actual administração: no Brazil, em 4 annos, decorridos de 15 de novembro de 1902 a igual data de 1906, consumiram-se mais de cento e vinte mil contos com o custeio de uma esquadra perfeitamente inutil, apenas augmentada com as *Melik*, emquanto no Chile, num periodo igual, dentro do decennio de 1891 a 1900, com uma despeza inferior a cem mil contos, não só se custeou a marinha, como fôram adquiridas unidades de combate com 17.300 toneladas de deslocamento e impulsionadas obras militares em diversos portos.

O confronto é, em todo ponto, desfavoravel á nossa actual administração; poder-se-ia ainda fazer a mesma comparação entre o periodo de gerencia do almirante Noronha e qualquer outro, anterior, e de igual duração, no nosso paiz, e o resultado seria sempre identico.

Depois daquelles trechos que transcrevemos, o actual ministro pergunta si é possivel continuar a dissimular o estado de fraqueza do nosso material, e si não é preferivel patentear essa fraqueza, a occultal-a por um mal comprehendido patriotismo. Dir-se-ia que os seus antecessores haviam encoberto aos olhos do paiz, o lastima-

vel estado da nossa esquadra, e que s. ex. era quem o vinha desvendar.

Mas, já vimos que todos os ministros que a marinha tivera até então, na Republica, chamavam sempre a atenção do Presidente para a necessidade de adquirirem-se novas unidades ante a decadencia da nossa esquadra. O relatorio de 1903 não encerrava novidade a esse respeito: era a reprodução do que se vinha dizendo, havia doze annos, e era o que estava na consciencia de todos: a nossa esquadra não tinha o menor valor.

A unica novidade exhibida era aquelle processo de comparação, que, si ao actual ministro serviu para condemnar as administrações anteriores, a outros servirá para reprovar a de s. ex., conforme já vimos.

Com verdade s. ex. logo depois desses trechos, dizia: «Desvelada assim a verdade, verificado que o mecanismo da nossa organização naval não produz o almejado rendimento, passo a examinar quaes os meios de reduzir, sinão eliminar, as resistencias passivas que o entorpecem». Isso quer dizer em linguagem clara e franca: gasta-se dinheiro inutilmente, ha verbas que se devem reduzir. Effectivamente, assim é.

Do nosso material fluctuante, a maior parte é constituida por navios perfeitamente inuteis, quer na paz, quer em guerra. Dos 45, que s. ex. citava em seu relatorio, ou pelo estado em que se achavam, tornando improductivos quaesquer concertos, ou pelo emprego que se lhes dava ou por sua propria estrutura, a maior parte era de navios que só mereciam ter baixa do serviço da armada; seu custeio consumia grandes quantias; era uma das « resistencias passivas a eliminar ». S. ex. mesmo dizia: Effectivamente, excepção feita dos guarda-costas *Deodoro* e *Floriano*, do cruzador protegido *Barroso* e dos cruzadores-torpedeiros *Tymbira*, *Tupy* e *Tamoyo*, que no seu genero, são efficientes, e bem assim do *Riachuelo* e do *Aquidaban*, do *Benjamin Constant* e *Republica*, que podem ser utilizados como força de reserva, nenhum outro navio tem o menor valor militar».

No entretanto, após tres annos da sua administração apenas tiveram baixa do serviço da armada: *Purús*, *Lamego*, *Centauro*, *Guarany* e *Paquequer*, tendo, porém, consumido ainda alguns contos de réis. Aguardam ainda concertos, após tres annos de sua administração: *Carlos Gomes*, *Andrada* e *Commandante Freitas*. Figuram no quadro do nosso material fluctuante: *Trajano*, *Guararapes*, *Vidal de Negreiros*, *Rio Grande* e *Caravellas*, dos quaes só o ultimo presta alguns serviços á instrucção dos aspirantes, e, finalmente, se tem

gasto centenas de contos com os concertos do *Primeiro de Março* e *Recife*, que custariam, novos, menor quantia do que a empregada em sua reconstrucção.

Com o *Tamandaré* gastou-se ainda somma consideravel, e verificado que, após 10 annos de tentativas ridiculas, se conseguira resolver o problema da ventilação, o navio pôde viajar, com grandes applausos á administração. E' realmente difficillimo conseguir que um navio, que tem machinas, caldeira e carvão, machinistas e estabilidade, ande por cima d'agna. O *Pernambuco*, que já se construa, havia quatorze annos, e que teria de ficar concluido um dia, depois de mais 34 mezes de obras activadas, foi lançado ao mar, e, para 1907, tel-o-emos concluido. Mas *Tamandaré* e *Pernambuco* em nada melhoram o poder da nossa esquadra.

Assim, depois de tres annos de fecunda administração, existe ainda essa «resistencia passiva» que não reduz «o almejado rendimento do nosso orçamento». E, comtudo, uma pennada, dando baixa do serviço da armada a esses calhambeques inuteis, positivamente inuteis, na paz ou na guerra, e que consomem, com seu custeio, sommas elevadas, uma só pennada, diziamos, eliminaria tal resistencia passiva.

Outra resistencia passiva a eliminar é a existencia de certas flotilhas, reconhecidamente inuteis. O actual ministro da marinha está convencido, aliás como muitos, de que a defeza das nossas fronteiras fluviaes, deve caber principalmente á esquadra. A nós profanos, se nos afigura que não. Que exista uma flotilha no Paraguay, constituida por navios propriamente de guerra, é logico; rio que atravessa a republica do mesmo nome e affluente do Paraná, que atravessa a Argentina, será naturalmente o caminho, em caso de guerra com qualquer desses paizes, duma expedição fluvial que traga um exercito de ataque a Matto-Grosso; sendo impossivel fortificar todo o curso do Paraguay. é natural que lá se mantenha uma flotilha, prompta a mallograr aquella expedição. Mas em rios cujas margens, em territorio nosso, possam vir sendo occupadas gradualmente pelo inimigo, como os affluentes do Amazonas, para que servirão navios que, pela necessidades da navegação alli, serão de porte rednzissimo, pouco protegidos, si o fôrem, portanto, e com pouco numerosa artilharia, de calibre reduzido. Que poderá fazer numa *Melik*, ante uma bateria de canhões, dos menores de campanha, assestada á margem do Acre, por exemplo?

Num caso de guerra com qualquer dos nossos visinhos que cercam o Amazonas, é evidente que as defezas

das nossas fronteiras hão de caber principalmente ao exercito; á marinha ha de, tão sómente, caber o papel de transporte e aviso. Quanto ao proprio rio Amazonas, esse é francamente navegavel até territorio peruano pelo *Deodoro* e *Floriano*; para elle, não ha necessidade de navios de guerra apropriados.

Quanto á defeza do Alto-Uruguay, quem impedirá os argentinos, senhores de uma das suas margens, de, em caso de guerra, assestar baterias no barranco, que annullen os movimentos dos minusculos navios que lá posamos manter, e que, ás vezes, se immobilizam por si mesmos com a vasante do rio?

A flotilha de Lagôa dos Patos é tambem inutil, nas condições actuaes da nossa esquadra e da entrada daquella lagôa.

TONELERO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### OFFERTA DUM PERÚ

Senhora, tambem um dia,  
Entrarei co'a fronte erguida;  
Não serei na vossa mesa  
Dependente toda a vida.

Nem sempre abatido pejo  
Dirá nesta cara feia  
Quanto dóe a um peito altivo  
Matar fome em casa alheia.

Airoso, gordo, perum,  
E' meu soberbo presente;  
Traz inda as pennas molhadas  
C'o pranto da minha gente.

No santo dia esperavam,  
Quebrando antigo jejum,  
Gravar inexpertos dentes  
Neste primeiro perum.

A russa, magra Josepha,  
Ergueu queixume sentido;  
Custou-lhe mais esta ausencia,  
Que a do defuncto marido.

O louro, alvar galleguinho  
Chegou aos olhos seu trapo;  
Tinha vistas sobre a carne,  
E muitas mais sobre o papo.

Seu almoço requerendo  
Em luzindo a madrugada,  
Na esquerda, grossa fatia  
D'ambas as partes barrada;

Na dextra, com branda canna  
O seu pupillo guiava;  
Em tenras, publicas malvas,  
Para si o apascentava.

Quando lhe mandei trazer-vos  
O bom companheiro seu,  
Pedindo-me coxos mezes,  
Me disse que o trouxesse eu.

Eu o trago ; a offerta é pura.  
Mas a tenção a envenena ;  
Traz escondida uma usura,  
Maior que a da meia sena.

Com um sorriso acceitae  
O atraçoado convite ;  
Vem a morrer uma vez,  
Porque muitas resuscite.

NICOLAU TOLENTINO.

\*  
\* \*

MOSTEIRO DOS JERONYMOS  
E DA BATALHA

O templo que logo á entrada de Lisboa se alevantou para attestar a todos as glorias de d. Manuel, e para memorar os commettimentos e façanhas dos seus cavalleiros e argonautas nas terras orientaes, não é simplesmente um monumento nacional, senão um padrão venerando para a christandade inteira, e um dos marcos miliarios da civilisação de toda a Europa.

Belém alevanta-se em tradições e em memorias acima de todos os monumentos erguidos ás glorias de Portugal. A Batalha é mais aérea nas suas projecções gigantes; mais mimosa nas suas laçarias e rendados; mais grandiosa na sua concepção original e mystica; mais de saudades intimas e de recordações domesticas; mas a igreja dos Jeronymos é mais gloriosa do que o mosteiro da Victoria, porque este symbolisa, a par da piedade e da crença viva dos nossos avoengos, uma tradição de rivalidades e uma historia de odios nacionaes, e Belem, ao contrario, é como o primeiro monumento erguido á comunidade das nações, mais estreitadas pelos laços dos descobrimentos e conquistas, que reverteram em prol de todas as gentes europeas. A Batalha é grandiosa nas suas recordações, porque é, por assim dizer, o trophéo de pedra erguido sobre um campo de victorias. E' solemne aquelle templo, porque ha alli, a par da adoração suprema de Deus vivo, o culto das nossas mais patrioticas tradições e o preito ás nossas fidalguias de nação.

Em Belém, o monumento, lisonjeando a paixão ardente do patriotismo, é tambem como que uma inscripção cosmopolita inculpida em honra da humanidade. Não se mescla alli ao pensamento christão a idéa sinistra das rivalidades nacionaes.

A Batalha edificou-se para solemnisar o triumpho passageiro dum povo sobre outro povo. Alevantou-se, porém, o templo manuelino para eternisar a conquista da civilisação progressiva do Christianismo sobre as civilisações pallidas e estacionarias das nações orientaes.

E' preciso ser portuguez para admi-

rar, com o entusiasmo das memorias portuguezas, o mosteiro que celebrou a victoria de Aljubarrota. Basta ser christão e civilisado, para que o viajante se enleve, não na fórma finita e material do monumento de Belém, mas na idéa fecunda e generosa, que tomou corpo naquelle admiravel symbolo architectonico. Poderia a hoste do Mestre d'Aviz ter deixado de investir contra os cavalleiros de Castella, poderia o campo de Aljubarrota não ter sido o theatro daquellas gentilezas cavalleirosas, e a humanidade progredido, apesar dessa lacuna nos aventureiros fastos militares da meia-idade. Mas, se os mareantes do Gama não tivessem jámais levado ferro do ancoradouro do Restello, se a tormenta os tivesse salteado e vencido para sempre na solidão dos mares, quem sabe se a civilisação moderna não houvera seguido outros rumos; e se ainda agora a navegação e os descobrimentos não iriam em meio do seu curso!

LATINO COELHO.

\*  
\* \*

AVARENTO

Exclamou certo avarento,  
A um que se ia enforçar :  
« — Feliz homem, que tres dias  
Pôde comer sem gastar ! »

VISDONDE DE CASTILHO.

\*  
\* \*

PADECER E SOFFRER

Os gallicismos que de necessidade havemos de receber no peculio da nossa lingua, para exprimirmos idéas e coisas novas, devem perder essa designação, que é odiosa pelo mal que têm causado ao nosso idioma, e tomar a denominação generica de neologismos.

Mas aquelles que em vez de nos opulentar e aclarar a linguagem, a esterilizam, remendam e obscurecem, devem conservar essa nota, para osevitar-mos, para os reprehendermos nos escriptos alheios, e expungirmol-os dos nossos.

Um destes é tomar o verbo *soffrer* como synonymo de *padecer*, falando-se de pessoas.

*Padecer* é sentir alguma enfermidade, dôr, fome, trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, desar, emfim qualquer mal physico ou moral. *Soffrer* é supportar todos estes males com paciência, resignação, animo, cara alegre, sem queixumes ou gemidos.

De sorte que ha *padecer* sem *soffrer*, mas não pôde haver *soffrimento* sem *padecimento*.

Quando dizemos — fulano soffre do peito, asseveramos uma coisa que talvez ignoramos, ou que não seja verdade, porque elle pôde *padecer* do

peito, mas não ter soffrimento, não soffrer resignadamente essa doença. Por isso devemos dizer, para não errar — *padece do peito*.

« A caridade é paciente e soffrida nas tribulações » — disse João Franco Barreto.

O padre Vieira, que é texto designado, diz, falando das affrontas que os phariseus fizeram a Christo : « Falta-lhe este complemento de inteira paciência, que era *soffrer padecendo* immenso. »

E' mais familiarmente, a doutrina christã manda-nos soffrer com paciência as fraquezas do nosso proximo, isto é, os damnos, incommodos ou privações que por elle padecer-mos, e não soffrer-mos.

Quando o verbo *soffrer* se emprega em accepção translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo.

SILVA TULLIO.

O AUCTOR DE UMA PEÇA

Quem é o auctor do auto *Mysterio de Jesus*, representado na aldeia de S. Lourenço, em Nictheroy?

Em que anno se verificou essa representação? Em 1555 ou 1565, diz o sr. Mello Moraes Filho, que tambem affirma, em repetidos escriptos, ser esse auto escripto pelo veneravel Joseph Anchieta.

« Por esse mesmo tempo (1) já se achava assentada em Nictheroy a aldeia de S. Lourenço, pelo divino catechista das Canarias. O theatro dos indios foi alli inaugurado com o mais vivo esplendor, sendo numerosos e variadissimos os autos que o missionario poeta escrevera para celebrar dias festivos da religião. »

Não nos parece estar com a verdade o sr. Mello Moraes Filho.

Acreditamos haver escripto o auto o irmão Manoel do Couto, não em 1555 ou 1565, mas em 1583.

« O exemplo de Anchieta (2) foi seguido pelos seus discipulos, e os adros das egrejas convertiam-se nos dias da sua vida em improvisados theatros, e novas comedias de novos auctores vieram por sua vez concorrer para o util fim com que haviam sido introduzidas. »

Sabe-se tambem de mais uma comedia, que o jesuita Manoel do Couto compoz para ser representada *no adro da igreja da aldeia de S. Lourenço de Maraguhy*, hoje Nictheroy, em louvôr de seu orago por occasião da sua festa, e que chamou a attenção dos moradores de um e outro lado da bahia do Rio de Janeiro (3).

Não será o mesmo auto?

Tudo nos indúz a crer que sim.

Ambos fôram representados na igreja da aldeia de S. Lourenço, ambos escriptos em louvor desse santo; ambos interpretados por occasião da festa ainda do mesmo santo, que era o protagonista de ambos.

Não será coincidência de mais ?

A peça de Manoel do Couto foi representada, porém, em 1583: «Em 1583 acompanhava Fernam Cardim ao padre visitador Gouvêa, como seu socio. Neste anno, segundo parece, partiram elles do Rio para S. Vicente; mas antes fizeram-se festas na aldeia de S. Lourenço (Rio de Janeiro). O irmão Manoel do Couto tinha preparado uma comedia em louvor do santo, porém muita chuva a impedia, senão quando Anchieta conseguiu pelas suas orações que faça bom tempo.» (4)

Com effeito, existem as coincidencias notadas; mas, poderão objectar-me que, sendo differentes as datas das representações, talvez se trate de dois autos.

Não colhe o argumento. E' o proprio sr. Mello Moraes Filho quem nos fornece dados para combatel-o.

Affirma que a essa representação assistiram os padres Luiz Gram, Braz Lourenço, João Gonçalves, Antonio Blasques e Joseph Anchieta. Si a representação se deu no anno de 1555, a ella não assistiu o padre Luiz Gram.

Este jesuita partiu de Lisbôa a 8 de maio de 1553, chegou á Bahia a 13 de julho desse mesmo anno, de onde partiu em fins de 1554 para S. Vicente e ali chegou a 15 de maio de 1555 e se demorou até 1556. (5)

Tambem não podia assistir a essa representação o jesuita Braz Lourenço que, de 1554 a 1556, esteve sempre em S. Vicente. (6)

Tambem não podia honral-a com a sua presença e muito menos ensaiar-a o veneravel Joseph de Anchieta, porque passára elle em S. Vicente, Piratinga e Iperoyg de 1553 a 1564 ou 1565, anno em que veio ao Rio de Janeiro com os indios capitaneados pelo destimido Ararigboia, os quaes vieram combater os francezes. (7)

Nem mesmo de 1569 a 1578, a ella poderia assistir o grande catechista, que estava novamente na capitania de S. Vicente, a não ser que o illustre escriptor acredite, com Charles Sainte-Foy, que Anchieta tinha o dom de estar ao mesmo tempo em mais de um logar.

«O bispo d. Constantino Barradas, depois de juridicamente syndicar do facto, teve de solemnemente attestar —que o santo homem estivera, por virtude divina, ao mesmo tempo, em dois logares diversos: em S. Paulo e S. Vicente.» (8)

Contra as datas do dr. Mello Moraes Filho, ha um argumento ainda mais valioso, visto como é irrecusavel.

Apezar de affirmar que «por esse tempo já se achava assentada em Nictheroy a aldeia de S. Lourenço», não é exacto, porque sómente em 1564 ou 1565 chegou ao Rio de Janeiro o Ararigboia—o fundador da aldeia—e em 1567 é que se passou para Nictheroy, obtendo a sismaria em 1568 (9) e da qual tomou posse a 22 de novembro de 1573. (10)

Pelo que fica dito, verifica-se que o auto não podia ter sido representado nem em 1555, nem 1556 na aldeia de S. Lourenço, porque ella não existia.

Ora, sendo certo que só em 1573 fôra installada a aldeia, sómente desse anno em diante poderia, nessa aldeia, se realizar qualquer representação de peças.

E estando em 1583 no Rio de Janeiro Joseph Anchieta e tendo assistido á representação do auto do irmão Manoel Couto e não encontrando nós em documentos dignos de fé referencia a outra qualquer representação realizada em S. Lourenço antes desta, pensamos ser aquelle irmão o auctor do auto que o publicista bahiano attribúe á penna daquelle, representado em 1583.

Os jesuitas que assistiram ao espectáculo fôram Joseph Anchieta, Fernam Cardim, Gouvêa e, provavelmente, Nobrega, Gonçalo de Oliveira e Balthazar Alves, que auxiliaram Ararigboia, depois capitão Martim Affonso de Souza, na fundação da aldeia de S. Lourenço.

#### HENRIQUE MARINHO.

(1) Refere-se á data da representação do auto *Prégação Universal*, em S. Vicente.

(2) Refere-se á data da composição da *Prégação Universal*.

(3) Joaquim Norberto de Souza e Silva — *Catechese e Instrução dos Selvagens Brasileiros, pelos jesuitas* — *Revista Popular*, tomo III.

(4) Dr. Antonio Henrique Leal — *Apontamentos para a Historia dos jesuitas no Brazil, extraídos dos Chronistas da Companhia*.

(5) Dr. Antonio Henrique Leal — Ob. cit.

(6) Dr. Antonio Henrique Leal — Ob. cit.

(7) *Revista do Gremio Litterario da Bahia — Antologia Bahiana. Carta do padre Leandro escripta de S. Vicente a 23 de junho de 1565 e Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XXXVI—2ª parte.

(8) Charles Sainte-Foy — *Vida do Veneravel d. José Anchieta*.

(9) *Escriptura de renuncia de terras que Antonio Marins e sua mulher Izabel Velha em favor do capitão Martim Affonso de Souza. Carta de sismaria de Martim Affonso de Souza. Petição do mesmo*.

(10) *Auto de posse de Martim Affonso de Souza*.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

#### Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

#### IV

A historia da Assembléa Constituinte é, apenas, um episodio da historia da independencia nacional e da fundação do Imperio; tem por auctores quasi os mesmos que figuram nos acontecimentos que se desenrolaram desde a partida d'el-rei d. João VI em 1821, para a metropole, impellido pela revolução liberal do Porto. (1) Esses acontecimentos não são phenomenos sociaes sem causas conhecidas, que se prendem, determinando umas as outras; pelo contrario, remontam-se ao passado da vida nacional.

A criação duma Assembléa, que tratasse dos interesses peculiares do reino do Brazil, foi uma das preoccupações do espirito de d. João VI, como prova o decreto de 18 de fevereiro de 1821. El-rei mostrou-se infatigavel e solícito em fazer prosperar a esperancosa parte dos seus dominios, na qual havia promettido formar um grande e rico imperio. (2) A' medida, porém, que o monarcha procurava dotar o novo reino com os fecundos elementos de progresso, os subditos europeus, transidos de desespero e de ciúme, tramavam movimentos sediciosos, que aterrassem o animo timorato do soberano, o obrigassem a fugir do Brazil anarchisado, regressando á mãe-patria.

Esses movimentos sediciosos appareceram no Rio a 25 de fevereiro e, na Bahia, sob a administração do conde de Palma, a 10 de fevereiro de 1821. (3) Eram urdidos pelos portuguezes, que formavam as juntas partidarias dos revolucionarios, que empenhavam contínuos esforços em arrancar a côrte do Brazil para Lisbôa. Podemos affirmar que não fôram estes os unicos tentamentos, de que se serviram os adversarios do Brazil contra a permanencia da côrte no Rio de Janeiro.

A revolução de 1817, em parte, foi obra do patriotismo brasileiro; em parte, resultante dum trama tecido em Portugal. (4)

Domingos Martins, natural da Bahia, (5) educado na Inglaterra, exercendo a profissão commercial, espirito audaz, culto, scismando idéaes sociaes e politicos, admirador das evoluções operadas nos Estados Unidos da America do Norte e na Europa, em consequencia da revolução franceza do fim do seculo XVIII, veio estabelecer casa commercial no Recife, associado á casa ingleza de Londres na qual fôra empregado. Numa das viagens, conversou em Lisbôa com varios portuguezes e reconheceu que ahi se preparava um movimento revolucionario que forçasse d. João VI a regres-

sar á metropole. Mas os portuguezes, notando a exaltação das idéas de Domingos Martins, incutiram-lhe no animo a conveniencia de começar a rebellião pela colonia, o que se accordava com o sentimento do negociante brasileiro.

Ora, para Martins o principal interesse cifrava-se numa revolução que libertasse o Brazil e o transformasse em Republica e si esta revolução coincidissem com outra em Portugal, haveria toda probabilidade de seguro triumpho, porque o governo, de certo, não poderia acudir as duas partes por carencia de meios.

Comquanto os portuguezes não quizessem perder a colonia e vel-a separada, livre e independente, acorçoavam o patriota brasileiro, convencidos de que—1º, o movimento de Pernambuco seria impotente para operar uma separação; —2º, mas seria effizaz para apavorar el-rei e coagil-o a repôr a monarchia na antiga séde. Desta guiza, conseguir-se-ia aquillo que os portuguezes tanto anhellavam irritados de ver a colonia primando sobre a metropole.

Não é méra conjectura, pelo contrario é um facto, que as versões correntes do tempo e mesmo alguns documentos comprovam a intervenção da maçonaria de Lisbõa com a do Recife para auxiliar os planos de Domingos Martins e seus companheiros. Não se ignora a influencia que as lojas masonicas exerciam; até os profanos, admirando-as, supersticiosamente, curvavam-se ante o seu prestigio e poder.

Nas regiões officiaes, conheciam-se os tramados feitos em Portugal; o conde dos Arcos, que, nessa temporada, governava a Bahia, acompanhava attento as phases da conspiração pernambucana, preparando os meios de combatel-a. A presteza, com que elle mandou fuzilar no campo da Polvora (29 de março de 1817) o padre Roma, sem ter provas, revela que estava inteirado de todas as minudencias e planos da rebellião do Recife, que enviava o sacerdote a evangelizar os principios democraticos e agitar a Bahia, fazendo-a tomar parte no movimento, que Martins e outros patriotas acabavam de iniciar em Pernambuco.

Esses factos concatenam-se aos que produziram a Independencia, e formam, por assim dizer, as peripecias do drama, do qual a Constituinte é um dos actos interessantes e, nessa Assembléa, ainda surgiram alguns luctadores da grande batalha travada em 1817 na Mauricea. Os acontecimentos ligam-se de tal sorte que não é facil rompê-los absolutamente, os anteriores dos posteriores. As reminiscencias da inconfidencia de Minas, atravessando o espirito de duas gerações proximas, palpitavam na alma dalguns

representantes da nação na Constituinte.

Havia, pois, desde 1817, muitas causas para os successos, que se fôram dando tanto em Portugal, quanto no Brazil. Aqui as legitimas aspirações da Independencia e liberdades civicas e politicas, transmittidas, através dos seculos, á consciencia collectiva da sociedade, avigorando-lhe o patriotismo, retemperando-lhe o character e formando-lhe aquillo que chamamos —vontade nacional, desde Beckman no Maranhão, desde a inconfidencia mineira até á lucta esforçada dos descendentes dos heróes de Guararapes.

Alli, no velho e glorioso Portugal, referviam os rancores contra as insupportaveis perversidades do general Beresford; cresciam, cada vez mais, os males da intensa decadencia do reino, (6) attribuida á persistencia da côrte no Rio de Janeiro, quando tal decadencia data do dominio hespanhol; quando tal decadencia avolumou-se de tal sorte no desvario voluptuoso e fradesco de d. João V. que levou depois o marquez de Pombal a emprehender a obra gigantesca, talvez impossivel, de levantar do abysmo de miserias o reino, que caía arruinado. (7)

A idéa das revoluções, para constituir a Independencia, era como que uma hereditariedade formada, ha mais de um seculo, na colonia brasileira. Vemol-a vir desde Beckman, passar pela mente de successivas gerações e dos inconfidentes aos republicanos de 1817 e destes aos imperialistas de 1822, acclamadores do Defensor Perpetuo, titulo que não era novo na dynastia portugueza; com elle ostentou-se d. João I. (8) Essa hereditariedade é um phenomemo commum em todos os povos. As nações não são obra só dum seculo, nem se organizam e adquirem uzos e costumes, idéias e aspirações, sinão no correr de série de annos.

A vida moral e intellectual constrúe-se lentamente, como as creações geologicas, molecula por molecula, até inteira identificação, que gera e desenvolve o instincto, apura e completa o character, as aptidões e os sentimentos, ainda em povos de raças heterogeneas.

E' assim, por exemplo, que, desde a formação elementar da nação brasileira, todas as raças amalgamadas fortalecem a unidade nacional com o mesmo temperamento, indole, character, idéa e vontade. Nas contendidas com os hollandezes, nas luctas da Independencia e fundação do Imperio, na diuturna e deploravel guerra do Paraguay. em todas as classes sociaes dominavam o mesmo sentimento patriótico, o mesmo fervor no sacrificio pela causa commum; os soldados dos

marechaes Osorio ou conde d'Eu, de Caxias ou dos almirantes Inhaúma e Tamandaré pelejavam sob os impulsos do mesmo dever, sob as inspirações do mesmo amor nacional, ufanos da gloria de morrer pela mesma causa, em Riachuelo, Itororó, ou Pirebebuy.

Os portuguezes do tempo de d. João VI não reflectiam que o povo americano, oriundo delles, mantinha a antiga tradição; queriam subjugal-o a todo o transe, combatendo nesse povo o sentimento da nacionalidade, em que eram *maxima pars*. Em verdade, entre portuguezes e brasileiros não havia uma differença profunda, mas os separavam os interesses do momento, as coleras irreconciliaveis do orgulho indomavel e tenaz do conquistador para o conquistado.

Por seu lado, os brasileiros viam no povo luzitano um rancoroso inimigo, contra o qual os incitavam as aspirações ardorosas da independencia e da liberdade; as reminiscencias vehementes dos soffrimentos impostos pelo regimen da monarchia absoluta; as cruezas praticadas com os martyres da religião do patriotismo. A colonia havia passado pelas ignominias do captiveiro, arrastando-se pelas abjecções, a que o despotismo condemna os miseros, que se estorcem empolgados por truculentas garras.

Os brasileiros não queriam mais curvar a cerviz ao jugo, que os opprimia, havia cerca de trez seculos. Não podiam supportar, no sólo sagrado da patria de Camarão e de Henrique Dias, do presbitero Roma e de Domingos Martins, os antigos donatarios, avidos exploradores das riquezas nacionaes. Era esse o modo de sentir e pensar do norte ao sul. A vontade geral tornou-se irresistivel; a lucta permanente, terrivel e cruenta.

Nessa ordem de factos humanos, sem duvida, não é sempre facil discriminar o *joio do trigo*, segundo a expressão biblica. As paixões e os interesses obumbram as consciencias ainda as mais lucidas e seguras. Os espiritos cultos e rectos, principalmente os historiadores, sómente devem julgar os factos e os homens conforme as circumstancias do tempo, as crenças, as idéas moraes, os uzos e costumes, que formam o evangelho social de cada epocha.

Qual era a situação de Portugal relativamente ao Brazil, segundo as idéas moraes e politicas dominantes? A do proprietario despojado de seu dominio; a do senhor em lucta com o escravo, que lhe recuzava a obediencia, que os costumes estabeleceram e as leis ordenaram e confirmaram.

Cabia ao proprietario o direito de reivindicar a sua propriedade e ao senhor o poder da lei para ser obedecido: eis ahi o que a metropole fez.

A historia, de certo, não representa a imagem mythologica da justiça; em vez de ter fechados e vendados os olhos, deve havel-os bem abertos e videntes. A justiça da historia cifra-se completamente no criterio, com que apura a realidade das coisas, firma a verdade dos factos, evidencia as intenções dos actos, penetra e reprimde a consciencia do individuo, ou da sociedade em que elle vive; emfim, a psychologia em acção; estudo do homem individual e da sociedade feita homem. Ella não occulta o mal nem encobre o bem: apregôa a verdade nua e crua.

Ora, Portugal no momento em que o Brazil quiz emancipar-se do seu patrio poder, achava-se numa dessas crizes tremendas, a que as nações custam resistir, ou superar. (9) Remontava-se a longo periodo o esboramento de sua fortuna, que foi esplendida durante um seculo, no qual a gloria, o heroismo, a opulencia, as victorias, as epopéas, as conquistas fôram como que privilegios seus. O dominio de Castella cavou-lhe funda a cóva mortuaria.

A dynastia da revolução de 1640, que contou alguns soberanos solícitos do bem publico, apresenta outros incapazes qual o encarcerado de Cintra, ou o perdulario, devasso, beato d. João V. A sombra homérica, mas truculenta e sinistra, do marquez de Pombal, atravessando, rapida, pelos escombros das ruínas, debalde tentou reparal-as. (10) Quando d. João VI subiu ao throno, então o reino estava em plena decadencia, que elle não creou nem poderia evitar. Os vulções da revolução, as inclemencias e devastações das guerras, as atrocidades do despotismo, os males, desgraças e infortunios, tudo havia pezado sobre a Europa, tremula e humilhada deante do refulgente gladio de Bonaparte.

Entre as nações, uma das mais flagelladas foi Portugal, já decadente, e tendo se debatido em contínua crise; já invadido pelo exercito de Junot, já vendo transportada a séde da monarchia para a colonia, que começou a crescer e prosperar, presagiando a futura e proxima separação.

No estado, em que estava o velho reino, laureado com as glorias de Aljubarrota, a perda da terra de Cabral seria a sua suprema e mortifera agonia. As revoluções e guerras, que, dumá á outra extremidade do continente europen, empeceram a expansão commercial, arruinaram a industria, destruíram a lavoura, impossibilitaram a accumulacão dos capitaes e absorveram e concentraram o trabalho, os esforços dos homens nos campos de batalha, tiveram a mais desastrosa acção na lavoura e no acanhado commercio e na miugnada industria

do povo luzitano. Assim que os portuguezes não podiam ver sem horror as tentativas da separação; desesperavam-se da tenacidade de d. João VI em continuar a residir na Quinta de São Christovão, ou na fazenda de Santa Cruz. Acreditavam que o regresso de sua magestade ao palacio de Queluz ou da Bemposta, bastaria para minorar males que acabrunhavam o reino.

E' sob esse ponto de vista que devemos avaliar os sentimentos e actos das côrtes lisbonenses; os rancores suscitados entre as duas fracções dos povos, que então constituíam os regios domínios da casa bragantina.

Ora, si tal era o sentimento geral desde o Tejo até o Douro, não ha que estranhar que a politica das côrtes tivesse o intuito que suppunham necessario a evitar e impedir a independencia brasileira. Essa politica, evidentemente, não podia ser a continuação, ou conservação da obra das angustas e regias mãos d'el-rei d. João VI; destruil-a era de urgencia. Vem dahi o açodamento, com que as côrtes começaram por supprimir tribunaes e os meios de progresso material e moral, de que o Brazil estava de posse e, na previsão de que o duque de Bragança seria o campeão impavido da causa da Independencia, tiraram-lhe os poderes do regente e logar-tenente do rei, ordenando ao principe que saísse immediatamente do Brazil e fôsse viajar pelos paizes europeus para completar a sua educação. Si o resultado das deliberações das côrtes legislativas não corresponderam ás suas inteuções; si não é grande sabedoria em politica prever sómente o mal, antes é o saber evitar que elle se realize, todavia cumpre confessar que as côrtes procuraram desempenhar-se do dever, sob o ponto de vista dos interesses da nação que representavam e cujos direitos lhes cabia salvaguardar e manter intactos.

Os factos consummados não ministram mais azo e utilidade á discussão; porém a curiosidade historica, por certo, não se contenta com esta theoria superficial e materialista, contraria á moral e á justiça, que são eternas, como a verdade e que sempre os investiga e os apura, julga, absolve, ou condemna. O acto de Bruto, ordenando a execução do filho, é um facto consummado; contudo, a posteridade o aprecia e qualifica. O suicidio de Catão é tambem outro; entretanto, os historiadores modernos não o deixam passar despercebido, e o illustre Mommsen, que appellida de *idiota* o egregio cidadão romauo, diz — que a sua morte cauzou grande mal aos vencedores e Cezar pagou bem caro o triumpho. Mommsen termina admirando o velho IDIOTA. As côrtes de

Lisbôa, si tivessem empregado, para com a longinqua e esperançosa colonia, uma politica de meios brandos e conciliatorios, evitariam a separação e a consequente proclamação da Independencia? Desde a partida de el-rei, os brazileiros, sob o influxo das reminiscencias da tradição do passado, como indicamos acima, não abandonariam as idéas da liberdade civil e politica, por amor das quaes tudo sacrificariam; logo, qualquer que fôsse a politica das côrtes portuguezas, a Independencia se havia de realizar. Poderia haver questão de tempo; questão, que, de subito, resolveu o decreto que privou o regente de exercer o governo do reino americano e que deu á causa brazileira um defensor e audaz campeão. Sem d. Pedro á frente, os mais destimidos patriotas hesitaram, receiosos dum desastre e avisados pela dura lição das revoluções anteriores. Com o filho do rei como guia e chefe, os desanimos cederam á fascinante esperança, sinão certeza de triumpho. D. Pedro não foi só um defensor, ainda mais a garantia dos propugnadores e a salvação da causa. Por esse magno serviço, que fez ao paiz, o seu nome perdurará e o futuro o eugrandecerá na memoria e gratidão das gerações posterias.

E' razoavel pensar que, sem o concurso de d. Pedro, a Independencia não teria sido coroada de prompto e feliz resultado; não teria sido exequivel. Havia, então, no Brazil, um limitadissimo numero de homens de certa cultura intellectual e moral, anhelantes de possuir a liberdade e, comprehendendo-a, saberiam nzar della. Mas a quasi totalidade da nação jazia na ignorancia, que o regimen colonial mantivera desde remoto tempo. Rarissimos aprendiam a ler e escrever. Essa numerossima classe de ignorantes e incapazes estava afeita á subserviencia e aferrada á supersticiosa veneração da monarchia tradicional, em que a vontade, capricho, ou bel-prazer de el-rei nosso senhor, eram um dogma de fé. Todas as classes sociaes, quer nas villas e cidades, quer nos sertões obedeciam cegamente ás ordens dos capitães-môres, dos donatarios, dos governadores e vice-reis. E a prova de que essa gente, si tinha o instincto da liberdade, não mostrava a comprehensão, está na submissão ás *portarias* que o ministro José Bonifacio expedia ao intendente de policia e aos juizes, á maneira do marquez de Pombal. (11)

Si, em 1822, a Independencia era inexequivel, quando teria sido provavel? Problema historico; só o incremento da cultura intellectual, moral e economica do povo poderia resolvel-o. Attentando na lentidão, com que o progresso tem marchado, no Brazil,

desde 1822 até os nossos dias; notando que ainda os povos (e até as classes abastadas e educadas) deixam o governo, qualquer que seja, confiscar-lhes os votos nas urnas eleitoraes, ou renuncia e abstém-se de uzar do direito, não é possível conjecturar o momento em que se faria a Independência, (sem o concurso de d. Pedro), somente pela força das causas.

Os feitos do duque de Bragança e dos patriotas brasileiros levantaram, em Portugal, intenso rumor de vociferações, de coleras. D. Pedro foi acoimado de máu portuguez, de filho desleal e traidor.. Quanto a este ultimo assumpto, releva observar—que d. Pedro, investido da categoria e poderes de regente, recebeu do pae instrucções escriptas e definidas em decreto. E' tambem incontestavel que d. João VI lh'as deu de viva voz: a tradição constante, *una voce*, afirma e um documento do tempo confirma e estabelece o facto. Quando estrugiram as accusações de perfidia e deslealdade contra d. Pedro, este appellou para o testemunho do rei, lembrando-lhe, numa carta, as seguintes phrases: *conserva o Brazil para casa de Bragança e, no caso de perigar o dominio e a monarchia, cinge tu a corda para que algum aventureiro não n'a tome.*

Não pôde ser filho ingrato, desleal e perfido aquelle que respeitou e executou o conselho que lhe deu o soberano e progenitor.

E quando d. Pedro se deliberou a pratical-o? Depois de muitas hesitações; depois que reconheceu que a simples separação era impraticavel; depois que viu a facção demagogica em Lisbôa reduzir o rei a zero e tirar-lhe a auctoridade; emfim, depois que os decretos das côrtes desfecharam mortiferos golpes no coração do Brazil, supprimindo as instituições destinadas a promover o progresso e a prosperidade nacional e ordenaram que o regente deixasse o governo e partisse a viajar pelas cidades europeas. Os brasileiros appellaram para d. Pedro e este ficou para o *bem de todos.*

Proclamada a Independencia como facto consummado,urgia organizar o paiz constitucionalmente: dessa ardua tarefa incumbiram-se o sabio e venerando patriarcha e a Assembléa Constituinte, como veremos no seguinte estudo.

#### EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Hist. da Revol. do Porto — Vida de d. João VI*, por Souza Monteiro — *Raton, Recordações — Quadro elementar das Relações Polit. e Diplom. de Portugal*, pelo visconde de Santarém — *Hist. de Portugal*, por Pinheiro Chagas — *Idem*, por Oliveira Martins — *Galeria da Hist. Portuguesa — Factos Memoráveis da Historia Portuguesa.*

(2) No manifesto de guerra á França, d. João VI diz: A côrte levantará sua voz do

seio do novo imperio que vou fundar; fez a mesma declaração na carta de lei de 29 de novembro de 1808, creando a ordem da Torre e Espada. O povo fluminense o saudava com vivas ao Imperador, cantando:

— *America feliz, tens em teu seio*  
— *Do novo imperio o fundador sublime.*

Nos sermões de Mont'Alverne e outros oradores da tribuna sagrada, alludia-se a essa mesma idéa.

(3) *Memorias Historicas da Bahia*, pelo coronel J. Accioly.

(4) Monsenhor Moniz Tavares—*Hist. da Revolução.*

(5) Já li, não sei onde, que Domingos Martins nascera no Espirito Santo e viéra creança a para Bahia com os paes, que eram bahianos. Conheci, por longos annos, desde minha meninice até que saí da Academia de Direito, o medico dr. José Antonio Ferreira da Rocha, homem de idade madura, que, ou foi contemporaneo, ou conviveu com os contemporaneos de 1817. O dr. Rocha era primo de Domingos Martins. Ovi contar certas particularidades e afirmar, muitas vezes, que o seu primo nasceu na Bahia e de familia bahiana, á qual elle, dr. Rocha, pertencia.

(6) Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.*—*Hist. de Port.* por Souza Monteiro—Aff. Rabbe *Hist. de Port.* O historiador allemão Schaeffer—*Hist. de Port.*

(7) *Hist. de Port.* por Pinheiro Chagas—*Estudo Historico das Relações Diplomaticas e Politicas* por Moraes Leite Vello—1 vol. *Hist. de Port.*, por Oliveira Martins—2 vol.

—(8) Alex. Herculano, *Hist. de Port.*—*Relações Pol e Dip.*, do Visconde de Santarém; *Hist. de Port.* de Oliveira Martins.

(9) Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.*; visconde de Santarém, *Quadro Elementar — Estudo Hist.* por Moraes Leite Vello.

(10) Diz Oliveira Martins: (pag. 155 *Hist. de Port.*)—ignorava Pombal que uma nação não é um mechanismo, é um ser vivo e organico e não um artefacto.

(11) Leiam no *Diario* da Assembléa Constituinte a discussão sobre as portarias e sobre o projecto de annistia; discursos de Rodrigues de Carvalho, Alencar, Carneiro da Cunha e outros deputados; sessões de maio e junho de 1823.

## O ALMIRANTE (58)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XX

A noticia do fracasso da tentativa revolucionaria lhes causava immenso jubilo: a Oscar, que estivera a pique de arriscar a sua carreira para condescender com a vontade da marquezia; a Martins, que reputava bem empregados os cem contos de réis si a lição influísse para desilludil-a, para libertal-a, para sempre, dessa phantasia politica, em torno da qual se crystallizavam todas as suas energias, todos os seus anhelos e esse nobre empenho patriotico de symbolizar a resistencia da tradição, desse passado que, como as arvores colossaes das florestas amazonicas, sem raizes entranhadas no sólo frouxo, desabam, ruidosamente, ao primeiro abalo de um tufão. Um impulso audacioso derribára a dynastia.

Quasi todos aquelles que tinham medrado á sua sombra, ou que viveram dos seus fructos, se afastavam cautelosos para não serem esmagados por ella na quêda desastrosa, irreparavel, porque não ha forças humanas que possam erguer esses gigantes tombados, despedaçados, mortos ao proprio pezo.

Oscar e Martins notavam que o sorriso da marquezia soffria subitos, intermittentes eclipses; suas faces, seus labios se immobilizavam numa fria expressão de dôr e desalento, como si a vida a abandonasse para volver em rapidos intervallos com penoso esforço; notavam que os finos dedos crispados se cravavam, em contracções, no velludo dos braços da poltrona e lamentavam aquella immensa lucta ignorada, travada entre a esperanza e o desalento num fragil coração de mulher.

Mas as paixões pelas idéas, uma vez dominadoras, são inexpugnaveis. Nem os factos mais evidentes, nem os desastres mais acabrunhadores, nem as decepções mais dolorosas conseguem eradicar-as do cerebro por ellas contaminado; antes, as excitam, as robustecem, as tornam mais intensas e perniciosas, estendendo a sua influencia sobre toda a funcção sensorial: são plantas damninhas, resistentes ás intemperies, á secca, ao fogo, e, mergulhando sempre, com uma tenacidade infatigavel as raizes no seio da terra desolada, para reflorescerem num milagre de vigor, de exuberancia ao primeiro rocio benefico.

— Não será o primeiro nem o ultimo desgosto infligido ao proclamador da Republica — ponderou Souza e Mello a Dolores — Muito breve estará elle arrependido dessa façanha.

— No coração do grande marechal — replicou Dolores, com emphase — cazam-se a firmeza e a magnanimidade. Elle poderia esmagar esses impacientes, esses traidores, mas prefere despezal-os: são adversarios que, uma vez desmascarados, se tornam inoffensivos; são homens perdidos esses loucos que tentaram destruir a fibra da democracia.

— Perdidos? — exclamou Souza e Mello — Diga antes — homens respeitaveis como, em politica, são todos os capazes de fazer mal.

A marquezia ouvia attentamente os conceitos do advogado e os approvava com ligeiro movimento da cabeça.

— De resto — tornou Dolores — Foi um facto sem importancia.

— Sem importancia? — retrucou elle — A liberdade desenfreada deu o primeiro golpe na auctoridade dictatorial do Governo Provisorio, ainda vacillante. Máu signal. Esperemos as consequencias, os effectos das ambições de toda essa gente que se julga

com direito á farta recompensa do seu patriotismo. Será impossivel contental-os porque elles não attendem ás proporções do proprio merecimento, ás condições de capacidade para os altos cargos, para as pingues propinas.

— Temos ainda patriotas desinteressados — observou o conselheiro.

— Não ha duvida. Esses, porém, são a minoria imponderavel. O maior numero considera a Republica uma porta aberta, francamente, ás pretensões insaciaveis. Imagine-se sómente nas reparações devidas aos que estiveram no ostracismo durante a monarchia, as reivindicações legitimas...

— Nisso tem razão — confirmou Dolores — O governo vive numa roda viva, a ouvir queixas, reclamações de grande enchame de pretendentes que surgiram aos milheiros appellando para a justiça da Republica. Eu tive uma pretensão tão justa que fui logo attendida com a collocação do Dadá. Seria, na verdade, um cumulo não attender aquella creatura que foi victima das suas idéas.

— Não ha duvida — confirmou o conselheiro — O doutor Adeodato foi um exemplo de convicções alliadas ás competencias como juiz.

— Deus lhe pague, conselheiro; Deus lhe recompense essa justiça ao adorado marido, essa bondade...

— Justiça, minha senhora, simplesmente justiça áquelle ornamento da magistratura.

Dolores, enternecida quasi até ás lagrimas, acercou-se do conselheiro e apertou-lhe a mão num silencio expressivo, como si as palavras delle fôsem uma consagração.

— Muito bem—disse Souza e Mello, muito enfiado por lhe terem interrompido as considerações sobre a situação do governo — Eu estava com a palavra e fui interrompido.

— Póde continuar — avançou Dolores, num grottesco gesto de auctoridade.

— Onde estava en? Ah... Referia-me ao assalto dos pretendentes que terminarão por estabelecer em torno delle o sitio dos descontentes. Os dictadores, isolados; exautorados, hão de, forçosamente, procurar elementos de apoio que nestas crises dos grandes abalos sociaes são caracteristicos, infalliveis, apoio que, sómente, poderá angariar e solidificar por meio da corrupção.

— E' muito pessimismo — tornou Dolores.

— E' infelizmente a verdade. A maior parte desses demagogos victoriosos estavam persuadidos de que a Republica seria a tolerancia para todos os desmandos, uma reprodução da tragedia de 89, o assassinato, a pilhagem, o assalto ás posições, á

fortuna publica e particular. O governo manteve a ordem, garantiu a propriedade, empregou energicas medidas de repressão preventiva contra os gatunos de todas as categorias: fez bem, valha a verdade, libertou-nos da vergonha, preservou o levante dos quartéis dessas tristes consequencias, mas alienou muitas dedicações interessseiras.

— Ora, ainda bem — interrompen Dolores — que a justiça lhe irrompe, espontaneamente, dos labios.

A marquezia approvava em silencio, com secreto prazer, as palavras de Souza e Mello, que entrou a vaticinar os efeitos da corrupção, a fazer considerações sociologicas, apoiadas na historia, concluindo pela precoce decadencia e morte da Republica.

Sergio de Lima não oppuzera a inevitavel contestação aos conceitos do velho advogado, por estar muito entretido com Hortencia e Laura, formando um grupo a parte, distanciado dos outros que falavam de politica em torno da marquezia. D. Eugenia acompanhava com desvanecimento a insistente inclinação do joven bacharel pela formosa Hortencia, muito retraída, mas dominada pela palavra quente, florida, insinuante, do seu companheiro das tristes, das monotonas noites da roça, quando o seu purissimo coração não despertára ainda ás revelações do amor. Marianinha, sempre dominada pelo seu accentuado instincto maternal, acompanhava com d. Eugenia o desabrochar daquelle affecto promettedor. Oscar e Martins formavam, com Amelia, outro grupo divagando sobre coisas serias, o desenvolvimento economico do paiz, a situação do commercio, o impulso industrial e os grandes negocios que a revolução não interrompera. Martins exaltava a iniciativa das extraordinarias emprezas, a mobilisação dos capitaes em melhoramentos de toda a ordem, denotando o despertar de uma actividade auspiciosa.

Dolores fizera varias tentativas para se approximar desse grupo, mas recuava ante a attitude aggressiva de Amelia, cujas maneiras rispidas já não se podiam disfarçar sob as convencionaes apparencias de cortezia. Por vezes, os olhares das duas mulheres se cruzavam em chispas fulvas, como coriscos de um rancor concentrado, em negros sedimentos de odio, no coração das duas mulheres incompatibilizadas pela profunda divergencia de character e de costumes. Amelia se commovia em éstos de indignação, quando encontrava em casa da marquezia a sua adversaria; não achiava explicação para aquella tolerancia, que ella chegava a reputar indecorosa, de receber entre gente ho-

nesta uma creatura de má fama, de maneiras tão differentes, em destaque repulsivo naquelle meio, naquelle ambiente de serena castidade, que Dolores profanava com as suas desconformes galanterias com Souza e Mello e Oscar. O menor gesto desta, os seus olhares, naturalmente amollecidos de sensualidade, os sorrisos francos que lhe irrompiam dos labios de vermelha polpa, as attitudes de fatigada languidez assumiam aos olhos de Amelia estranhos aspectos de indecencia insupportavel, nos quaes se denunciavam peccados, talvez crimes, habitos de mulher desprovida de senso moral, dos mais vulgares melindres.

Essa animosidade não passára despercebida a Oscar, que era, por vezes, surpreendido pelas recriminações de Amelia, censuras feitas com uma austeridade aspera de egoismo, ameaçada na posse exclusiva do bem supremo, de que ella não descia a apoderar-se, esperando que se lhe submettesse numa passividade humilde.

(Continúa).

## BEATA BEATRICE

Fragil, pallida e doce, essa Donzella,  
Na pureza do olhar profundo, exprime  
A incontentada aspiração sublime  
Dos grandes sonhos, que a Arte só revela.

Com a benção dum sorriso bom, redime  
A alma que vier poisar ao lado della,  
— *Beata Beatrice*, vaga e bella,  
Doce, pallida e fragil, como o viume...

... Si és, acaso, a visão excelsa e grave,  
Que entrevejo, num lucido e supremo  
Sonho, — bemviuda sejas neste estante :

Sê bemvinda — com o teu consolo suave,  
— Tua caricia subtil — teu beijo terno,  
Minha Irmã, minha Esposa e minha Amante!

LEOPOLDO BRIGIDO.

## PARA ACOMPANHAR MEU PAE

Váes a enterrar, meu Pae. E no meu pelto  
Dá-se de chofre um desmoronamento...  
A dôr, a infausta dôr deste momento  
Fécha-me os olhos, géla o meu aspecto !

Consolações não ha, nem as acceito,  
Para este rude e fundo desalento.  
E' todo trévas o meu pensamento,  
Partido em maguas, em pedaços feito.

Nunca meus olhos te tivessem visto,  
E eu não sentira a angustia cruciante  
Da cerimonia a que, constricto, assisto.

Váes a enterrar, meu Pae. No teu jazigo  
Grato me fôra adormecer constante...  
Mas minha mãe... Que hei de fazer, amigo ?

1905.

VITAL FONTENELLE.

## XADREZ

## 3.º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Vencedores: 1.º lugar — Henrique Costa  
2.º — José Piza  
3.º — Th. Torres

Terminou este disputadissimo certamen. O resultado do pequeno torneio suplementar, para desempate, foi o seguinte:

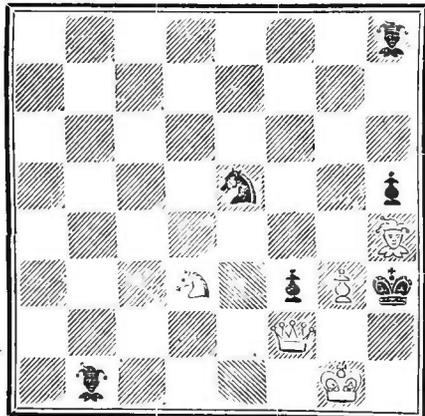
Concurrentes	H. Costa	J. Piza	Th. Torres	N. de pontos
H. Costa.....	1 1	0 1		3
J. Piza.....	0 0	1 1		2
Th. Torres....	1 0	0 0	....	1

A victoria de Henrique Costa é brilhantissima, porque foi alcançada contra dois concurrentes muito fortes. Com os vencedores e com o Club dos Diarios, nós nos congratulamos sinceramente.

## PROBLEMA N. 27

O. Nemo

PRETAS (6)



BRANCAS (5)

Mate em dois lances

MATCH BRAZIL-ARGENTINA. — Brevemente será jogado entre o Club dos Diarios desta Capital e o Club do Progresso, de Buenos Ayres, um novo match em duas partidas. Como sabem os leitores, no primeiro, realisado ha 2 annos, venceu Buenos Ayres.

DR. CALDAS VIANNA

Como se sabe, a commissão que fiscalizou o torneio do Club dos Diarios era composta dos srs. conde de Figueiredo, commendador Arthur Napoleão e dr. Caldas Vianna. Mas quem realmente exerceu esta fiscalisação effectiva foi este ultimo e o fez com o habitual criterio e cavalheirismo. O dr. Caldas Vianna, que é advogado habilissimo, é o campeão sul-americano no xadrez, e, certamente, si vivesse na Europa, com as compensações que alli existem para os grandes enxadristas, que chegam a ser profissionais, competiria com os grandes mestres e teria reputação universal. O seu jogo é surpre-

hendente de previsão, profundidade, elegancia e esthetica. Como exemplo, publicamos em seguida uma sua partida contra um adversario de força, que é innegavelmente uma das mais estupendas que se teem jogado no mundo inteiro, e, sob alguns aspectos, superior ás obras primas no genero, inclusive a *immortal*, do inolvidavel Anderssen.

A admiravel partida foi jogada em fevereiro de 1900, no Club do Xadrez do Rio de Janeiro e publicada no *Deutsche Schachzeitung*, de Berlim, com as curiosas annotações, que reproduzimos, dos grandes mestres J. Berger e Schlechter. Folgamos em prestar esta homenagem ao nosso campeão.

## PARTIDA N. 28

GAMBITO EVANS

Brancas (Caldas Vianna)	Pretas (Sylvestre de Barros)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B D	— 3 — B 4 B D
P 4 C D	— 4 — B X P
P 3 B D	— 5 — B 4 T
P 4 D	— 6 — P X P
Roque	— 7 — P 3 D
D 3 C	— 8 — D 3 B
P 5 R	— 9 — P X P
T 1 R	— 10 — B 2 D
B 5 C R	— 11 — D 4 B
C X P R	— 12 — C X C
P 4 B R	— 13 — P 3 B R
D X P C	— 14 — T 1 D
P X C	— 15 — P X B (a)
T 1 B R	— 16 — D X P
C 2 D	— 17 — C 2 R (b)
T D 1 R	— 18 — D 4 B D
B 7 B x	— 19 — R 1 B
B 6 C x. d.	— 20 — B 4 B R (c)
B X B	— 21 — C X B
C 4 R	— 22 — D 3 C D
T X C x	— 23 — R 1 C
C 6 D !! (d)	— 24 — P X P x
R 1 T	— 25 — P 3 T (e)
D 5 D x	— 26 — R 2 T
D 4 R	— 27 — R 1 C (f)
D 6 R x	— 28 — R 2 T
T 6 B R ! (g)	— 29 — T R 1 B (h)
D 5 B x	— 30 — R 1 C
T X T x	— 31 — T X T
D X T x	— 32 — R X D (i)
T 8 R mate	— 33 —

(a) Si 15... C 2 R; P X P B, P X P B R; 17 — D 3 C D (para evitar B 3 C D), D X B; 18 — D 3 T D, etc.

(b) Si 17... D 6 R x; 18 — R 1 T, D X C; 19 — T D 1 R x, C 2 R; 20 — T X C x, R X T; 21 — D 4 R x, R 3 D; 22 — D 5 D x, R 2 R; 23 — T 7 B x, R 1 R; 24 — D 5 R x, B 3 R; 25 — D X B mate.

(c) Si 20... C 4 B R; 21 — C 4 R, D 3 C; 22 — B X C, P X P x. d.; 23 — R 1 T, D X D; (si 22... B X B 23 — T X B x, R 1 C; 25 — C 6 D ! ) 24 — B X B x, R 2 R; 25 — C 5 B D x, R 3 B; 26 — C X D x, R X B 27 — C X B, etc.

Si 20... R 1 C; 21 — D 3 C x, seguido de B 7 B x.

(d) Este lance é estupendo e é a principal maravilha desta partida. Como bem dizem os commentadores allemães, abundam nesta partida os lances de problema. Este é um delles. Si as Pr. tomam o cavallo como a D, a T, ou o P., teem mate immediato.

(e) Si 25... D X D; 26 — C X D, P 7 B; 27 — C X B, T 8 D; 28 — T R 1 B R, T X T (se P 8 B f. D., T. D. mate); 29 — T X T e ganham. Si 25... P 3 C R; 26 — D 5 D x, R 2 C; 27 — D 7 B x, R 3 T; 28 — T 3 B, P 5 C; 29 — D 4 B R x, R 2 C; 30 — T 7 R x, R 1 C; 31 — D mate; e si 29... R 4 T; 30 — T 3 T x, P X T; 31 — T 5 R mate.

(f) Si 27... D X C; 28 — T 6 B R x, R 1 C; 29 — T X D, T X T; e si 29... P X T; 30 — D 5 D x, R 2 T; 31 — D 5 B x, e ganham. Si 27... T X C; 28 — T 6 B R x, R 1 C; 29 — D 8 R x, R 2 T; 30 — D 6 C x, R 1 C; 31 — T 8 R mate.

(g) Ameaçando mate em 2 lances.

(h) Si 29... T R 1 R; 30 — T X P T x, P X T; 31 — D 5 B x, R 1 T; 32 — C X T, D 5 D; 33 — D 8 B x, R 2 T; 34 — T 7 R x, R 3 C; 35 — D 7 B mate. Si 29... T R 1 C R; 30 — D 5 B x, P 3 C R; 31 — T 7 B x, T 2 C; 32 — T X T x, R X T; 33 — T 7 R x, R 1 C; 34 — D 7 B x, R 1 T; 35 — D mate. Si 29... D 5 D; 30 — T X P T x, P X T; 31 — D 5 B x, R 2 C; 32 — D mate.

(i) Si 32... R 2 T; 33 — D 5 B x, P 3 T; 34 — D 7 B x, R 1 T; 35 — T mate.

## O XADREZ NO ESTRANGEIRO

O torneio dos mestres de Barmen, realizado em agosto, deu o seguinte resultado: Janowski e Maroczy, 10 1/2; Marshall, 10; Bernstein e Schlechter, 9; Berger, 8; John, Leonhardt, Tschigorine, Wolf, 7; Bardeleben, e Sochting, 6 1/2; Alapin e Burn, 6; Gottschall e Mieses, 5. Fôram premiados os 10 primeiros, sendo os premios de 1.500 a 100 marcos.

—Na Inglaterra conquistaram o campeonato H. E. Atkins e a senhorita Finn.

—Falleceu Jules Arnous de Rivière, o magnifico enxadrista francez, na idade de 76 annos.

—Em setembro realizou-se entre o dr. Tarrasch e Marshall um match com o seguinte resultado:

Tarrasch ganhou 8

Marshall 1

Partidas nullas 8

Onde está aquelle invencivel Marshall que, desafiou, ajuda ha pouco, o campeão do mundo?

—Falleceu em Praga, com 57 annos, o notavel problemista Karl Kondelik.

Tacito & Lipmann — Recebemos e publicaremos no proximo numero.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 26 — (Burneister): C 7 B D.

JOSÉ GETULIO.

## FLORES

Num cartão postal de d. Amelia de Freitas Bevilacqua.

Flôres. Esta que acaso a gente deixa Abandonada á beira de um caminho, Quem sabe o que ella foi—suspiro ou queixa, Florira um seio ou perfumára um ninho?

Uma nos lembra a pagina que fecha Para os sonhos de amor e de carinho. Quem dirá do perfume que a outra enfeixa Nas delicadas petalas de arminho?...

Flores nos falam pela vida inteira, Uma enflôra o sepulchro, outra o noivado; — O goivo triste e a flôr da laranja.

E si inda a gente o calice nevado De uma flôr na velhice aspira e cheira, Sente que ella é a saudade do passado!...

Recife, 1905.

JOSÉ DE BARROS LIMA.